



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES/CECA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM EDUCAÇÃO  
NÍVEL DE MESTRADO/PPGE  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: SOCIEDADE, ESTADO E EDUCAÇÃO

**UMA REFLEXÃO SOBRE A JUVENTUDE A PARTIR DAS NOÇÕES DE MICHEL  
MAFFESOLI**

**FRANCIELI COSTA BERGHAUSER**

CASCADEL - PR

2015



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES/CECA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM EDUCAÇÃO

NÍVEL DE MESTRADO/PPGE

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: SOCIEDADE, ESTADO E EDUCAÇÃO

**UMA REFLEXÃO SOBRE A JUVENTUDE A PARTIR DAS NOÇÕES DE MICHEL  
MAFFESOLI**

**FRANCIELI COSTA BERGHAUSER**

CASCADEL - PR

2015



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES/CECA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM EDUCAÇÃO

NÍVEL DE MESTRADO/PPGE

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: SOCIEDADE, ESTADO E EDUCAÇÃO

**UMA REFLEXÃO SOBRE A JUVENTUDE A PARTIR DAS NOÇÕES DE MICHEL  
MAFFESOLI**

**FRANCIELI COSTA BERGHAUSER**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação – PPGE, área de concentração Sociedade, Estado e Educação, linha de pesquisa: Formação de Professores da Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE – Campus de Cascavel, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre(a) em Educação.

Orientador(a):  
Prof<sup>(a)</sup>. Dr<sup>(a)</sup>. Tânia Maria Rechia Schroeder

CASCADEL - PR

2015

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

B435r

Berghauser, Francieli Costa  
Uma reflexão sobre a juventude a partir das noções de Michel Maffesoli. /  
Francieli Costa Berghauser.— Cascavel, 2015.  
64p.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Tânia Maria Rechia Schroeder  
Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná.  
Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação

1. Pós-modernidade. 2. Juventude. 3. Imaginário. 4. Formismo. I.  
Schroeder, Tânia Maria Rechia. II. Universidade Estadual do Oeste do Paraná.  
III. Título.

CDD 21.ed. 370.19

Ficha catalográfica elaborada por Helena Soterio Beijo – CRB 9<sup>a</sup>/965

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

**Francieli Costa Berghauser**

**Título do Trabalho:** “Uma reflexão sobre a juventude a partir das noções de Michel Maffesoli”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação – Nível de Mestrado, Área de Concentração: área de concentração Sociedade, Estado e Educação, linha de pesquisa: Formação de Professores, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Campus de Cascavel, julgada adequada e aprovada, em sua versão final, pela Comissão Examinadora, que concede o Título de Mestre em Educação à autora.

### **COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Eduardo Portanova Barros (UNISINOS)  
Membro convidado

---

Prof<sup>a</sup>Dr<sup>a</sup>. Carmen Célia C. Bastos (UNIOESTE)  
Membro Efetivo

---

Prof<sup>a</sup>Dr<sup>a</sup>. Andrea Cristina Martelli (UNIOESTE)  
Membro Efetivo

---

Professora Orientadora Dr<sup>a</sup>. Tania M. Schroeder  
UNIOESTE – Cascavel

Cascavel, 12 de Agosto de 2015.

A todos nós.

## **AGRADECIMENTOS**

Especialmente à minha orientadora Tânia, que com muito carinho e paciência, e compreendendo minha personalidade possibilitou que um caminho aos poucos fosse trilhado. Uma pessoa sensível, que transborda carisma e sabedoria, um exemplar de professora que deveria existir em todas as universidades.

Aos professores Fábio Lopes, Carmen Célia Bastos, Andrea Cristina Martelli e Eduardo Barros que me guiaram para uma direção que até então era desconhecida para mim, o caminho da fenomenologia e do sensível.

À toda minha família, especialmente meus pais e irmãos que sempre foram meus amigos, que me ensinaram desde sempre com outras palavras a contemplação do mundo.

Aos professores do Programa de Pós – Graduação, Mestrado em Educação da UNIOESTE Campus de Cascavel – PR, por partilharem seus conhecimentos.

À assistente do Programa de Pós-Graduação Sandra, sempre atenciosa, querida e amiga.

A todos funcionários da UNIOESTE que tornam possível a produção do conhecimento dentro da universidade todos os dias.

BERGHAUSER, Francieli Costa. **Uma reflexão sobre a juventude a partir das noções de Michel Maffesoli**. Ano. 2015, 64f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Mestrado em Educação, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2015.

O presente estudo versa sobre algumas noções do sociólogo francês Michel Maffesoli que contribuem para a compreensão de como a temática juventude é problematizada na contemporaneidade. Inclina-se à reflexão de como a juventude pode ser compreendida como fenômeno a partir das noções que abrangem do pensamento pós-moderno. Para tanto se faz necessário em primeira instância contextualizar o pensamento do autor e sua influência entre os pesquisadores brasileiros e refletir sobre algumas temáticas que são decorrentes de suas abordagens dando sentido às suas acepções, tais como: a reflexão que se faz sobre o atual momento que advém do mundo moderno em ruínas - o pós-moderno – a reflexão que se faz sobre a metodologia maffesoliana a partir do formismo sociológico, e a reflexão sobre algumas das próprias noções que se aplicam à juventude. Dessa forma, o trabalho é estruturado em três capítulos. O primeiro procura apresentar Maffesoli e sua influência nas pesquisas brasileiras refletindo sobre sua formação e sobre os estudos que já foram produzidos por brasileiros, especificamente aqueles com temáticas que abarquem a juventude. Neste tópico refletir-se-á, primeiramente, sobre a influência do Centro de Estudos do Atual e do Quotidiano (CEAQ) e sobre quem são os pesquisadores brasileiros desse centro, e em seguida, entender a crítica que Maffesoli faz ao racionalismo e ao uso dos conceitos. O segundo apresentará a metodologia Maffesoliana a partir da reflexão sobre os passos da sociologia compreensiva e dos fundamentos da fenomenologia formista. E o último capítulo propõe a reflexão sobre algumas noções de Maffesoli para compreensão dos fenômenos que envolvem a juventude. O método que embasará a pesquisa em questão é o método fenomenológico, com uma ramificação para a sociologia do cotidiano, com ênfase no formismo sociológico, apresentado por Maffesoli. Para esse estudo utilizou-se a pesquisa bibliográfica em livros, periódicos e internet. Espera-se como resultado proporcionar a reflexão sobre algumas noções que Michel Maffesoli nos apresenta, bem como a divulgação e o intercâmbio das informações e do conhecimento com outras pesquisas.

Palavras- Chave: Pós- modernidade. Juventude. Imaginário. Formismo.



## ABSTRACT

BERGHAUSER, Francieli Costa. **Some Contributions from Maffesoli to Understanding Youth in the contemporary.**Ano. 2015, 100f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Mestrado em Educação, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2015.

The current assignment on Michel Maffesoli reflects about his notions that help us to understand how the subject youth is thought on the contemporary. This study try to realize how the youth can be understood as a phenomenon from the approaches of the postmodern society. Therefore, is necessary first of all to place the main ideas and the influence of the author among the brazilians researchers and think about his most important beliefs like: the postmodern society that appears when the modernity starts to collapse; the method of sociology created by Maffesoli called “formismo” and finally some notions that are applied to understanding youth. In the first chapter Maffesoli and his influence among researchers is presented as well the studys that were conclude, especially those studies that talk about youth and the influence of the CEAQ( center of studies about actual and “everyday”. The second chapter will show us the method of Maffesoli trough the notions from the phenomenology “formista”. And the last chapter proposes some notions to understating youth and the phenomena that involves the young people. In this study was used the bibliography research from books, magazines and the internet. We expect that the present study can promotes the Exchange of the knowledge and the notions of Maffesoli.

Key- Words: Postmodern. Youth.Imaginary.Formismo.

## LISTAS DE FIGURAS

FIGURA 01: MAFFESOLI NAS PESQUISAS BRASILEIRAS.....	32
FIGURA 02: PESQUISADORES BRASILEIROS NO CEAQ.....	39
FIGURA 03: NÚMERO DE TESES DEFENDIDAS POR BRASILEIROS NO CEAQ POR DÉCADA.....	40

## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>7</b>
<b>LISTA DE FIGURAS.....</b>	<b>9</b>
<b>CARTA AO LEITOR.....</b>	<b>11</b>
<b>PRIMEIRAS PROVOCAÇÕES.....</b>	<b>14</b>
<b>1. MAFFESOLI E SEU PENSAMENTO.....</b>	<b>21</b>
1.1 Apresentando Maffesoli e o seu pensamento libertário .....	21
1.2 A crítica de Maffesoli ao racionalismo e ao uso dos conceitos .....	28
1.3 A recepção das noções de Maffesoli no Brasil e a sua influência nos estudos sobre a juventude no Brasil .....	30
1.4 A influência do CEAQ e os pesquisadores brasileiros.....	33
1.5 Os grupos de pesquisa do CEAQ.....	34
<b>2.A METODOLOGIA MAFFESOLIANA.....</b>	<b>41</b>
2.1 Os cinco passos da sociologia compreensiva .....	41
2.2 Uma reflexão sobre os fundamentos da fenomenologia formista .....	43
<b>3.ALGUMAS NOÇÕES DE MAFFESOLI PARA A REFLEXÃO SOBRE AJUVENTUDE .....</b>	<b>48</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>60</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>61</b>

## CARTA AO LEITOR

*“Mas é sestro antigo da sandice criar amor às casas alheias, de modo que apenas senhora de uma, dificilmente lha farão despejar.*

*É sestro; não se tira daí; há muito que lhe calejou a vergonha.*

*Agora, se advertirmos no imenso número de casas que ocupa, umas de vez, outras durante as suas estações calmosas, concluiremos que esta amável peregrina é o terror dos proprietários.*

*No nosso caso, houve quase um distúrbio à porta do meu cérebro, porque a adventícia não queria entregar a casa, e a dona não cedia da intenção de tomar o que era seu.*

*Afinal, já a Sandice se contentava com um cantinho no sótão.*

*- Não, senhora, replicou a razão, estou cansada de lhe ceder sótãos, cansada e experimentada, o que você quer é passar mansamente do sótão à sala de jantar, daí à de visitas e ao resto.*

*- Está bem, deixe-me ficar algum tempo mais, estou na pista de um mistério.*

*- Que mistério?*

*-De dois, emendou a Sandice; o da vida e o da morte; peço- lhe só uns dez minutos.*

*A razão pôs-se a rir.*

*- Hás de ser sempre a mesma coisa, sempre a mesma coisa, sempre a mesma coisa.*

*E, dizendo isto, travou-lhe dos pulsos e arrastou-a para fora; depois entrou e fechou-se.*

*A Sandice ainda gemeu algumas súplicas, grunhiu algumas zangas; mas desenganou-se depressa, deitou a língua de fora, em ar de surriada, e foi andando ...”*

**Machado de Assis em Memórias Póstumas de Brás Cubas**

Ante à circunstância do desafio em escrever, busquei nas palavras, antes da metodologia, um estilo dialógico e estético de escrita que procurasse revelar aquilo que fazemos de melhor: sermos humanos.

Enquanto humanos, nos arrebatamos, no sentido sublime do termo, perceber o mundo através de representações, metáforas, analogias e paradoxos, é como se o nosso espírito nessas manifestações expressivas humanas por algum momento encontrasse seu lugar.

Recorrendo a um instinto estético eu pensava sobre quais expressões seriam mais apropriadas e que expressariam de uma forma mais coerente àquilo que realmente era pretendido ser apresentado nessa dissertação de mestrado, deparei-me então com um trecho de texto na obra Memórias Póstumas de Brás Cubas e que julgo oportuno apresentar nesse início de trabalho.

Brás Cubas nessa obra conta toda sua vida num conto alucinado após sua morte e o enredo dessa narrativa pode ser interessante para quem lê, porque ela é capaz de provocar no leitor um “*feeling*” que diz respeito as nossas impressões afetivas humanas, o autor na sua descrição faz uma análise psicológica e a reflexão sobre o que é ser humano no sentido de pensar sobre o que nos motiva, quais são nossas ideias fixas durante a vida, e depois da morte o que mesmo terá valido a pena, o que foi verdadeiro e real e as banalidades do cotidiano.

Brás Cubas o defunto autor e não autor defunto como é colocado no texto, enxerga o mundo com descrença e repulsa, relativiza e problematiza noções como: razão, ciência, morte, loucura e verdade. É um morto que escreve para os vivos com o objetivo de refletir a sociedade humana, onde as pessoas constantemente interpretam papéis de aparência, e cético, censura este mundo de aparência que no jogo social tentamos sustentar cotidianamente, e estima em contrapartida a essência humana.

Especificamente com essa obra é que se dá início ao realismo no Brasil, Machado de Assis rompe com o estilo tradicional de narração, com o início, meio e fim bem demarcados. A obra se inicia com o defunto autor dedicando sua própria obra aos

vermes que lhe corroem a carne e ao fim da narrativa, Brás Cubas pessimista completa: “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria.”

É interessante como uma obra publicada em 1881 revela um autor preocupado com questões sobre a vida, a morte, a razão e o autoconhecimento, espanta observar como ele envolve e problematiza o que o cotidiano revela a partir da voz daquele que é ao mesmo tempo personagem e autor, ou seja, aquele que experienciou a vida, os eventos e agora postumamente conta a sua história, de forma trágica, evidenciando a fragilidade e miséria humana.

Nesse trecho da obra, a Razão acautela-se de que a Sandice não ocupe tantos espaços assim, pois receia perder seu lugar, a sua cátedra de senhora da casa. A razão ali, não se interessa quando a Sandice diz estar na pista de dois mistérios (da vida e da morte) e a manda embora.

A Sandice parece estar buscando os caminhos de Dioniso, o Deus da vida e da morte, dos instintos, e de tudo aquilo que está para além da consciênciacomo delírio, e os infortúnios da existência. E a razão então a expulsa para que a ordem e configuração da casa se mantenham sobre o seu domínio. Essa tensão entre razão e sandice ilustra bem o que Maffesoli nos fala na obra Elogio a razão sensível

Não se poderia melhor exprimir a dicotomia típica da modernidade: cada “coisa” em seu lugar e a sociedade estará em ordem! De Pico della Mirandola a Adorno, passando por Durkheim, uma mesma sensibilidade se exprime: a da separação, a de uma razão abstrata que não consegue, não sabe perceber as afinidades profundas, as sutis e complexas correspondências que constituem a existência natural e social [ ...] seu medo é, essencialmente, o do retorno ao caos primordial que só a razão pode e sabe pôr em ordem. Tudo o que tende relativizar essa ordem é, potencialmente, suspeito. No entanto, é a própria vida que, aos olhos do intelectual, é suspeita, pois nunca se dobra a uma ordem abstrata. (MAFFESOLI, 1998 p. 60)

É importante ressaltar que neste trecho Razão e Sandice convivem juntas embora estejam disputando por espaço, e que também, no início do dialogo o autor diz “que esta amável peregrina é o terror dos proprietários”, pois ao se tornar senhora de

uma casa, dificilmente a despejariam ...que a umas toma de vez a outras em suas estações calmosas ...

## **PRIMEIRAS PROVOCAÇÕES**

O fragmento da obra Memórias Póstumas de Brás Cubas de Machado de Assis ilustra o principal objetivo deste trabalho que é o de propor reflexões sobre algumas noções de Maffesoli, um pensador que busca na sensibilidade dionisíaca a “*dimensão estática da potência*”, a verdadeira contemplação do mundo, que supera o individualismo em direção ao amor para o reecantamento do mundo.

[..] Falamos de uma constelação, e não de um encadeamento racional de fatos. Falamos de Dioniso, cujo espírito ama seus instintos e simboliza o prazer de viver. Falamos de Maffesoli. Um Maffesoli que não se aparta da vida, que se mistura ao diabo, que vive o trágico instante eterno e que como um andarilho nômade (o que é uma redundância, evidentemente), faz do nomadismo, aliás, um processo para que a aventura prossiga. Maffesoli é um nômade das idéias que se rebela contra o pensamento único e a supremacia do saber (BAROOS &ROSSETO, 2014, p. 16).

Maffesoli tece críticas contundentes ao pensamento moderno, pois o racionalismo ampara-se numa razão cartesiana e instrumental, cuja lógica não admite variantes humanas como as emoções, ou até mesmo o acaso como possíveis elementos que podem alterar ou interferir numa determinada situação ou fenômeno.

Para o racionalismo tudo pode ser planejado, calculado ou previsto, basta usar a equação apropriada, ou um modelo correto e tudo funcionará em perfeita ordem, desde o seu planejamento de estudos ou até mesmo a economia mundial.

[...] o instinto estético (viver a vida como obra de arte) se opõe ao espírito prometeico (plantar os frutos no presente para colhe-los no futuro). Mas tenhamos cuidado com uma coisa muito importante. Estes fenômenos não se separam porque permanecem em constante guerra entre si [...] é o que se entende por complexidade e dialogia, para além de uma resolução ou síntese dialética. (BARROS &ROSSETO, 2014, p.20)

Esse pensamento racional ou prometeico, próprio da modernidade, nasce em um momento aonde os avanços da ciência e da tecnologia, decorrentes do iluminismo e da forte industrialização do mundo após a revolução industrial, fizeram com que se criasse

um imaginário de que tudo tem uma causa, efeito e direção como numa resolução matemática, onde dois mais dois não podem ser cinco, aonde se você se esforçar o suficiente poderá “vencer na vida”. Sempre a partir de um modelo, fórmula ou equação pode se pressupor a direção de determinada situação, essa lógica permeia desde pequenas decisões do nosso cotidiano a grandes investimentos econômicos por exemplo.

Assim se exprime a sinergia da razão e do sensível. O afeto, o emocional, o afetual, coisas que são da ordem da paixão, não estão mais separados em um domínio à parte, bem confinados na esfera da vida privada, não são mais unicamente explicáveis a partir de categorias psicológicas, mas vão tornar-se alavancas metodológicas que podem servir à reflexão epistemológica, e são plenamente operatórias para explicar os múltiplos fenômenos sociais, que, sem isso, permaneceriam totalmente incompreensíveis. Em outras palavras, é preciso fazer de uma fraqueza uma força inegável, e perceber que, ao negar certos aspectos do dado mundano, corre-se o risco de culminar com seu retorno em massa de maneira perversa (MAFFESOLI, 1998, p. 53)

Mas lentamente a lógica moderna vai se desgastando e não mais se adequando aos anseios de determinada época ou sociedade, a objetividade exagerada e a rigidez que engessam a vida cotidiana, e o pensamento, vão cedendo lugar aos poucos a um pensamento mais flexível, e o rigor do método parece dar lugar a uma metodologia ensaística, ou seja, contrária a dureza do método e estilística onde segundo Nietzsche, tem-se a percepção de que a vida deve ser vivida como uma obra de arte.

[...] Maffesoli, o sociólogo da pós-modernidade, rompe, assim como Nietzsche, com a tradição racionalista. Para tanto, sua metodologia pode ser chamada de ensaística: não se ancora em objetividades e projetos. O assunto flui, progressivamente, sem meta. Esta forma de proceder é orgânica, vem de sua própria maneira de ver o mundo, maneira essa próxima do anarquismo romântico. O anarquismo é a ordem sem hierarquia (em termos políticos, sem o Estado). Maffesoli é espontâneo na forma. Para ele, a sociedade pós-moderna tem algo de anarquista (BARROS & ROSSETO, 2014, p.14).

O pensamento orgânico pós-moderno busca no relativismo uma postura sensível diante do mundo e da vida e, por isso, promove a pluralidade e o vitalismo humano, e ainda que conviva com o reducionismo e individualismo do pensamento moderno, é capaz de promover uma sensibilidade teórica “Tudo isso torna caduco todo e qualquer



dogmatismo e favorece uma sensibilidade teórica que prefira a humildade das coisas à pretensão dos conceitos” (Maffesoli, Notas sobre pós- modernidade, p. 10)

Assim, aos poucos, os ideais saturados vão dando lugar a novas ideias, o antigo vai convivendo com o novo, não existe uma ruptura repentina de um momento para o outro, é uma transformação lenta.

Nossa época, esta que chamamos de pós-moderna vai-se desenhando pouco a pouco diante dos nossos olhos: é feita de afetos, sentimentos e excessos que nos dirigem, mais do que os controlamos. O cérebro dá lugar ao ventre e a seus apetites múltiplos. Há uma “histeria” no ar [...] Foi o caso da grande civilização grega, quando ela introduziu, graças às bacantes femininas, o culto do ruidoso Dioniso. O mesmo se deu na Idade Média, que criou carnavais como uma forma de integrar a histeria num equilíbrio harmonioso (MAFFESOLI, 2004, p. 80).

O pensamento pós-moderno afasta-se do individualismo privilegiando a pluralidade humana que se evidencia pelo vitalismo. O que nós temos de instintivo, nossas vontades, nossa emoção, o que está na profundidade do nosso ser, faz com que seja inevitável a aproximação e a reflexão sobre o que é o dionisíaco.

Dionisíaco é esse impulso vital humano que o moralismo sufoca, é a necessidade do coletivo que o individualismo abafa. Dionísio é o Deus do vinho, da vida e morte, simboliza a embriaguez, a histeria e o erotismo. Por isso o espírito dionisíaco é considerado por Nietzsche como trágico, pois ele não se preocupa com moralismos, ou com o que está por vir, ele experimenta o mundo real no presente, com tudo de bom ou ruim, divino ou perverso que nele possa existir.

É o “duplo” de mim que entra em jogo. As loucuras coletivas, que não faltam nos dias de hoje, remetem-nos simplesmente aos “laivos de loucura” dos demônios pessoais que entram em conexão numa espécie de interatividade generalizada. Este tipo de loucura coletiva pode levar a suicídios coletivos, de determinadas seitas, por exemplo, mas também às conflagrações de violência em certas cidades, tão previsíveis quanto efêmeras. Podemos encontrar essa interatividade, entretanto, sob forma menos violenta (MAFFESOLI, 2004, p. 116).

Essa necessidade de satisfazer o “*daimon*” interior simboliza a necessidade humana de buscar o infindável, e ao invés de negar isso, assumir e vivenciar os aspectos de sombra demonstra uma sabedoria dionisíaca e, por isso, trágica.

Maffesoli, para falar do trágico, trabalha com a tese de uma sensibilidade pós-moderna – e não necessariamente naquele aspecto artístico de que Nietzsche nos fala – para enxergar mudanças na civilização. Mas é um tipo de raciocínio, a exemplo de Nietzsche, prospectivo. É no cotidiano, transpondo a ideia de Nietzsche para um caráter sociológico, que se encontra a vida como obra de arte (ROSSETO, 2014, p. 20).

Para enxergar a vida como obra de arte, tendo compreendido a noção do pensamento trágico, é preciso que nosso espírito tenha uma sensibilidade que alcance o outro, e tudo aquilo que está a nossa volta, para uma contemplação do mundo. E é nesse momento, então, a partir da postura relativista, que pode-se entender o que é verdadeiramente uma compreensão do mundo a partir da sociologia compreensiva contemporânea.

A prevalência da estética, a perspectiva ecológica, a não-atividade política, as diferentes formas do *souci de soi* e os diversos cultos do corpo são na realidade, não importa o que possam parecer, formas desta “contemplação”. Em cada um de todos esses casos, será a ambientação do tempo e do lugar que irá determinar a atividade, a criação: quer seja a criação maiúscula das obras de cultura, ou a criação microscópica da vida cotidiana (MAFFESOLI, 1998, p. 5).

Tais reflexões maffesolianas nos convidam a aprender com Zaratustra - personagem criado por Nietzsche - um homem que vai até as montanhas e supera os obstáculos do caminho, do corpo e da mente. Compreende que a solidão e a superação que o confrontam incansavelmente mostram que, na realidade, não existe nada além dele mesmo. Ele está sozinho e as respostas e a transcendência que ele busca não está na razão, na metafísica, na fé ou nos mitos cristãos, está no confronto com ele mesmo, no seu corpo que padece e na sua mente que delira, e no momento em que sua consciência colide com o mundo de aparência e ele o questiona, se torna livre, se torna autor e sensível ao seu próprio destino.

Sensibilidade que se inscreve, de maneira geral, naquela filosofia do “sim” da qual Nietzsche foi o promotor. Filosofia vitalista e trágica que, bem ou mal, aceita aquilo que é enquanto tal, e reconhece a beleza do dado mundano. Caberia falar, a esse respeito, de “emoção afirmativa”, de “sentimento do sim”, que faria aquiescer à realidade em seu todo. Há, na vida, algo a que nos agarramos e que, apesar das vicissitudes, a torna preferível ao “néant”, ao nada, do qual o sentimento do não seria a expressão (MAFFESOLI, 1998, p. 196).

A vida é trágica, porque se espera mais de Deus, e dos homens, e da vida, mas o que se têm inevitavelmente é a morte. Não importa o quão “piedoso” você é, quantas “virtudes” você tenha, “Deus” não te poupará das doenças, das desgraças e da morte, justamente por que ele não existe. Você é um Deus, seu próprio deus, seu próprio destino.

A maneira como compreendemos o mundo e nos ligamos aos outros na coletividade está repleta de imagens transfiguradas em signos, repleta de arquétipos e de diversos imaginários que se criam a todo o momento, em diversos espaços no nosso cotidiano.

É por isso que Nietzsche também rememora a figura de Dionísio, representando nosso Deus interior, nossos desejos e intuições, nosso erotismo.

Digo instinto, pois o sonho, o mito ou o arquétipo são tudo menos racionais, e dirigem-se essencialmente à emoção coletiva. É nesse sentido que eles são uma forma que compele à integração ou à forma social. De certo modo, é um destino para o qual cada um é arrastado, por vezes a contragosto. Os poetas, os filósofos deram a isso o nome de lei divina, até mesmo um sociólogo como Durkheim não hesita em falar de “divino social” para designar, justamente, o que ultrapassa a simples vontade individual (MAFFESOLI, 1998, p.153).

O imaginário e os arquétipos são noções essenciais para a compreensão do pensamento de Maffesoli, o imaginário consiste num processo complexo de consciência que por meio da imaginação, através da experiência, processa infinitas imagens que dão significado às coisas, aos fenômenos e ao mundo. E os arquétipos são os mitos que unem as pessoas formando o social e o senso comum.

Somos mais surpreendidos pelos mitos do que propriamente os fazemos. Eles nos ultrapassam e nos precedem. Esta é sua força específica. Eis o que a forma arquetípica pode nos ajudar a compreender: há resíduos arcaicos, imagens primordiais que fazem com que a vida seja o que é, que a modelam enquanto tal e por aquilo que ela é. Toda hermenêutica tem este preço: encontrar o sentido transcendente, mesmo se se trata de uma transcendência imanente, que funda um conjunto social qualquer que seja. Pode ser um império, uma nação, um movimento ou um partido, uma associação ou uma empresa, uma tribo ou uma relação amorosa, cada um e é isso que convém descobrir – “participa” de uma ideia

englobante, outro modo de dizer a forma social (MAFFESOLI, 1998, p.149)

Se tomarmos, por exemplo, a noção de casamento, é possível observar que os imaginários vão surgir a partir da experiência pessoal de cada um. Mas, de uma forma geral, independente da religião de cada pessoa, ou experiência cotidiana, percebe-se que o casamento é antes da vivência pessoal uma expressão que se ritualiza e se repete em várias culturas em diferentes religiões em diversos tempos e espaços. Essa prática comum, que permeia o pensamento do coletivo para além da consciência e da experiência de cada um, e de uma forma quase que hereditária, é o que Jung chama de inconsciente coletivo.

O inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo portanto uma aquisição pessoal. Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e, no entanto, desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e portanto não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade. Enquanto o inconsciente pessoal consiste em sua maior parte de *complexos*, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de *arquetipos*\*. O conceito de arquetipo, que constitui um correlato indispensável da idéia do inconsciente coletivo, indica a existência de determinadas formas na psique, que estão presentes em todo tempo e em todo lugar (JUNG, 2000, p. 53).

Essa tendência humana de criar divindades, e explicar os fenômenos desconhecidos a partir do mágico e do sobrenatural existe desde os tempos remotos, desde as civilizações mais primitivas. É tão inerente que seus mitos se repetem e se ritualizam ainda que o tempo e o espaço se modifiquem.

É esse inconsciente coletivo, cujo descrédito ainda é de bom tom proclamar, que constitui a ossatura do senso comum. Ele é como um tipo de substrato mítico que transpira, de diversas maneiras, por todos os poros do corpo social. Ele constitui a experiência do vivente que se enraíza longe na memória da humanidade. Uma boa maneira de tomar consciência dele é referindo-se ao ressurgimento do mundo imaginal, à intrusão das imagens que não são, de modo algum, novas, mas remetem todas para arquetipos dos quais se está mais ou menos consciente (MAFFESOLI, 1998, p. 170).

Por isso é tão importante compreender esses mecanismos, fazer essas reflexões sobre o que foi escrito até aqui, para que assim como Brás Cubas e Zaratustra personagens de Machado de Assis e Nietzsche possamos questionar o mundo de aparência, a “ordem” das coisas, e compreender os elementos que nos fazem humanos e tudo que existe.

Pode-se observar que tudo aquilo que diz respeito à forma arquetípica não é de modo algum pura quimera ou simples devaneio metafísico. Tal forma é um resíduo no sentido de V. Pareto, isto é, algo que se enraíza profundamente na matéria individual e coletiva. Algo, portanto, que permite compreender as surpreendentes agregações sociais, os encontros afetivos, as afinidades eletivas, as correspondências naturais, numa palavra, a sensibilidade “ecológica” da qual não se pode negar a importância hoje em dia (MAFFESOLI, 1998, p. 96).

Feitas tais apresentações, que consideramos essenciais para nos aproximarmos do universo das noções Maffesolianas, convidamos o leitor, a partir dessas primeiras provocações, a percorrer o caminho que construímos sobre as contribuições de Maffesoli para refletir sobre o presente.

## **1. MAFFESOLI E SEU PENSAMENTO**

### **1.1 Apresentando Maffesoli e seu pensamento libertário**

Este tópico se propõe apresentar o sociólogo Michel Maffesoli e sua influência, bem como discorrer sobre algumas reflexões que são primordiais para a compreensão das várias noções que este autor desenvolve em seus trabalhos.

As principais fontes para realização deste tópico foram: o site do CEAQ – Centro de Estudos do Atual e do Quotidiano, o Centro Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), o livro “Michel Maffesoli – Entrevistas com Christophe Bourseille”, a obra Elogio da Razão Sensível e outras literaturas.

Michel Maffesoli é um intelectual contemporâneo, professor e pesquisador renomado da Universidade de Paris Descartes – Sorbonne e fundador e diretor do Centro de Estudos do Atual e do Quotidiano (CEAQ). Nasceu no dia 14 de novembro de 1944 em Graissessac, uma comuna francesa na região de Languedoc – Roussillon, no departamento de Hérault na França.

Viveu uma infância humilde, numa família de mineiros, atividade que seu pai realizou durante quase toda vida. Em 1972, com 28 anos, Maffesoli iniciou sua trajetória como pesquisador na Universidade de Grenoble, chegando a ser codiretor da equipe de estudos sobre sociologia urbana nesse período.

De 1978 até 1981 foi professor da Universidade de Estrasburgo. E a partir de agosto de 1981 tornou-se professor universitário da Universidade de Paris Descartes – Sorbonne, onde fundou e se tornou diretor do Centro de Estudos do Atual e do Quotidiano (CEAQ) e do centro de estudos de investigação sobre o Imaginário, que por sinal tinha como presidente honorário Gilbert Durand, seu grande mentor.

Como professor e pesquisador participou de inúmeras conferências em diversas universidades internacionais e brasileiras como as de: Amsterdam, Atenas, Belo Horizonte, Berlim, Beirut, Bolonha, Brasília, Bratislava, Brighton, Bruxelas, Cambridge, Campinas, Casablanca, Chicoutimi, Chicago, Columbia, Dusseldorf, Fes, Fortaleza, Freiburg/ Breisgau, Genebra, Helsínquia, Joao Pessoa, Kyoto, Lausanne, Lima, Londrina, Los Angeles, Leuven, Madison, Marrakech, Rio de Janeiro, Natal, Neuchatel,

New York, Havard, Oran, Ottawa, Palermo, Perugia, Porto Alegre, Praga, Quebec, Rabat, Recife, Rimouski, Roma, Salerno, Thessaloniki, Santiago, San Diego, São Paulo, Seul, Sobral, Tóquio, Toronto, Trier, Tunis e Vancouver.

Desde então acumula incontáveis prêmios e títulos dentro dos institutos e grupos de pesquisa. Atuou como vice-presidente do Instituto Internacional de Sociologia, foi membro eleito da Academia “*Scientiarum e ArtiumEuropaea*”, membro do Conselho Nacional das Universidades (CNU) e do Instituto Universitário da França, diretor do Centro Nacional da Pesquisa Científica (CNRS). Foi membro de pelo menos nove comitês científicos, dentre eles o comitê realizado no Brasil: “Consumo, comunicação e Mídia” da Faculdade de Propaganda e Marketing - ESPM, de São Paulo e também de pelo menos seis, como membro de comitê de assessoramento, dentre eles, outro comitê realizado aqui no Brasil: “O Tempo e Argumento” do programa de pós-graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.

Michel Maffesoli publicou mais de 30 obras e pelo menos 20 destas foram traduzidas para o português, dentre elas estão: A Lógica da Dominação (1978), A conquista do Presente (2001), À Sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia (2003), O Conhecimento Comum (1988), A Dinâmica da Violência (1987), O Tempo das Tribos (2000), A Contemplação do Mundo (1995), No Fundo das Aparências (1996), A transfiguração do Político (1997), Elogio da Razão Sensível (1998), A Violência Totalitária (2001), O Ritmo da Vida (2007), O Tempo Retorna - Formas Elementares da Pós- Modernidade, O Mistério da Conjunção (2005), O Instante Eterno – O Retorno do Trágico Nas Sociedades Pós- Modernas (2003), entre outras obras publicadas em parcerias com outros autores.

Michel Maffesoli é influenciado por grandes intelectuais consagrados como Jean Baudrillard, Gilbert Durand, Georg Simmel, Max Weber, Emile Durkheim, Morin e Friedrich Nietzsche, e a partir das contribuições desses intelectuais ele pôde dispor de embasamentos para compreensão dos fenômenos sociais.

A partir do cotidiano e do imaginário, Maffesoli desenvolve um pensamento libertário, refletindo sobre diversos fenômenos da socialidade como as efervescências sociais, o desejo de estar junto, as banalidades do dia-a-dia, a política, a lógica do dever-ser e do querer-viver, a sinergia entre o arcaico e o tecnológico, a crítica ao

racionalismo abstrato do mundo moderno, bem como a sensibilidade dionisíaca essencial para compreensão dos eventos contemporâneos, e especialmente tudo aquilo que emerge da socialidade num contexto de pós-modernidade.

Lançar-se ao pensamento de Michel Maffesoli é como mergulhar em águas turvas e deixar-se envolver pelo fluxo imponente do inconsciente. E na busca de um novo fôlego fazer emergir o encanto e o terror, o sonho e o primitivo, a alma e o mundo... É trazer a tona o que é inerente ao ser humano, seu “impulso vital”, e a partir dessa potência humana ir muito além das aparências.

Talvez esse seja o maior desafio do intelectual que busca no pensamento da pós-modernidade, refletir sobre os fenômenos de forma compreensiva sem deixar de levar em consideração àquelas minudências que vão compor o social na sua pluralidade como os impulsos primitivos, a afetividade e o imaginário.

Ao privilegiar essas particularidades é possível compreender a socialidade e o cotidiano de forma holística evadindo-se dos limites do mundo moderno. Michel Maffesoli influenciou intensamente, em primeira instância, o pensamento sociológico francês nas décadas de 1970 e 1980 e posteriormente o mundo, e embasado na sociologia compreensiva do cotidiano, viveu os conflitos de um homem que é pensador e cujo espírito é livre, mas que vive num mundo que ainda nega sua pluralidade e se refugia nas orlas do pensamento de um mundo moderno em vias de ruir.

No entanto, Michel Maffesoli manifestou sua inquietação tanto nas suas obras como na sua vida e para ilustrar tal inquietação utiliza-se, sempre que conveniente, da mitologia, especialmente o mito de Dionísio, pois os enredos através do tempo e do espaço podem mudar, mas os mitos se eternizam e se ritualizam todos os dias nas nossas práticas cotidianas e no nosso imaginário. E assim, Maffesoli coloca em xeque o pensamento social racional, próprio da modernidade, e possibilita que a intuição dionisíaca guie o caminho para novos olhares.

Michel Maffesoli em uma entrevista com Christophe Bourseille rememora a figura de Dionísio

Ele é movido pelos prazeres e pelos desejos do mundo. Enfim, do ponto de vista sexual, é um Deus ambíguo. Em um grande número de suas representações, pinturas ou esculturas, ele é mostrado com duas faces:



de um lado, o jovem adolescente imberbe e efeminado; do outro, o valentão barbudo e viril. Deus “bifronte”. Pode-se encontrar aí um eco do mito andrógino platônico. Tudo isso confere a Dioniso o aspecto estranho e estrangeiro, nômade, que vai reanimar a cidade morta e mortífera de Tebas. Com efeito, ao introduzirem esse deus ambíguo na cidade, as mulheres – as famosas bacantes- celebram as festas dionisíacas, efervescência popular em que a violência é utilizada a mínima: Penteu é condenado a morte. Mas graças a essa violência ritualizada, homeopatizada, canalizada, a cidade volta a encontrar sua alma [...] Assim, a figura emblemática de Dioniso adquire um valor realmente específico. Para retomar o título de um dos meus livros – *L’Ombre de Dionysos* (1982)-, a sombra de Dioniso paira sobre a megalópoles pós-modernas; e em grande número de práticas juvenis, numerosas histerias coletivas ( esportivas, musicais, religiosas e políticas) só podem ser compreendidas no lusco-fusco engendrado por essa sombra (BOURSEILLE, 2011 p.24).

As diversas facetas humanas estão refletidas na figura de Dionísio, como nossas histerias, nossos instintos reprimidos e tudo aquilo que segundo o pensamento conservador seria uma ameaça, mas que para Michel Maffesoli é nossa potência, o que já estava fundado humanamente, mas que constantemente se encontra numa relação tanto de desequilíbrio quanto de acordo pelo que este autor chama de poder institucionalizado, o instituído.

Assim, um saber apolíneo ou prometéico vai sucedendo um saber dionisíaco, enamorado do mundo que convida a ser visto e vivido. É com regularidade, aliás, que ressurge tal perspectiva holística, que enfatiza a vivência, a experiência e, portanto, os meios intelectuais para apreendê-los (MAFFESOLI, 1998, p.219).

Existe nesse autor uma preocupação com a política enquanto poder institucionalizado, com a moral e a ética, com a violência em suas diversas acepções, especialmente aquela como fundadora da vida que se ritualiza de forma lenta e gradativa. Sobre poder e potência, assim se expressa Maffesoli:

Com essa fórmula, pretendo afirmar que a potência é exatamente o que constitui o elemento básico da vida em comum. É a cultura fundamental, o lençol freático que permite a existência da fauna e da flora, em suma, da vida. Qualquer “filosofia da vida” e, em seguida, a sociologia compreensiva, apoiam-se em tal intuição. É o que, no meu caso, pude extrair da obra de Nietzsche, Simmel, Weber, Scheler; ou, ainda, dos livros de Alfred Schutz ou de Peter Berger, aliás, publicados pela primeira vez, na França, por minha iniciativa. O poder é, de alguma maneira, a institucionalização – ou para dizer à maneira de Pareto-, a

legitimação, a racionalização dessa força primitiva, desse impulso vital (BOURSEILLE, 2011, p. 17).

A violência fundadora é o que entre o poder e o vitalismo humano instaura uma nova realidade. Esse movimento é tão ritualizado que aos nossos olhos essa violência fundadora torna-se natural, e se legitima como marco para o novo.

Permito-me, aliás lembrar – para citar apenas três exemplos de nossa tradição cultural – que o cristianismo, o freudismo ou o marxismo apoiam-se em tal concepção. Base do cristianismo é a cruz, objeto de escândalo e, no entanto, alicerce de toda a teologia cristã; a ocorrência da ressurreição só é possível porque há, em primeiro lugar, a morte do salvador. Por sua vez Marx vai elaborar toda sua saga, sua longa reflexão sobre a salvação do mundo, a partir da luta de classes [...] Quanto a Freud, no fundamento de sua iniciativa, há o mito do assassinato do pai, mediante o qual os filhos serão capazes de adquirir sua própria autonomia. Paralelamente a essas perspectivas antropológicas, é importante ter presente que a vida em comum, coletiva ou pessoal, está fundada em um ato de violência (BOURSEILLER, 2011, p. 19).

A doutrina cristã está toda amparada no símbolo da cruz, pois só existe “o salvador do mundo”, porque segundo o mito cristão, Deus para justificar os pecados humanos ofereceu como sacrífico de sangue seu filho. Então a cruz com toda a violência que ela simboliza, estaria trazendo o novo para o mundo e os homens.

No Marxismo a nova sociedade ideal surge com a luta de classes e é por isso que apesar de Michel Maffesoli refletir criticamente sobre os mecanismos dos quais o poder instituído se utiliza, ele não se considera de extrema esquerda. Nesse sentido ele considera sua posição política como de ultraesquerda, e por isso é considerado como um anarquista, em tempos pós-modernos.

Na psicanálise de Freud, embora a morte seja simbólica, ela funcionaria como um marco para o novo, pois quando a criança começa perceber que a relação dela com a mãe não é uma fusão e precisa adquirir independência, a criança inconscientemente culpa o pai, pois o rompimento com a mãe estaria ligado à disputa do afeto com a figura paterna, e dessa forma mata-se o pai.

Apesar do interesse menos significativo de tudo isso, é assim que posso explicar minha filiação, na década de 1960, ao que se convencionou

chamar de ultraesquerda antileninista. Faço questão de sublinhar – considerando que na atual confusão das mentes, tudo fica um pouco misturado- que a ultraesquerda (representada, em particular, por Herman Gorter, Anton Pannekoek, Otto Ruhle e uma verdadeira tradição anarquizante) rejeitava a violência pela violência, ao contrário do esquerdismo que fazia da violência um fim em si(BOURSEILLER, 1944, p. 20).

Para Maffesolia sociedade ideal não está por vir, este seria um pensamento nutrido pelo mito progressista, de que o ideal viria por meio de uma violência fundadora. A partir portando desse pensamento libertário é que Maffesoli, segundo Bourseille reflete que:

A progressividade não tende para um fim, mas adquire sentido no instante. Em vez de mudança para melhor, um aprofundamento. Neste sentido, em vez de perfeição, prefiro o termo completude [...] que culmina no que poderia ser uma definição da pós- modernidade: “a sinergia entre o arcaico e o desenvolvimento tecnológico. Assim – apesar da rejeição do progressismo tolo que continua acreditando que amanhã será melhor -, não estamos em uma postura reacionária ou passadista, mas em uma dinâmica que sabe integrar a sedimentação da cultura legada pelo passado (BOURSEILLER, 2011, p. 43).

O arcaico na compreensão de Maffesoli seria o sentimento, os instintos recalçados, o imaginário, ou seja, o não racional (que é diferente de irracional) que constitui o vitalismo humano. Um bom exemplo para se compreender o que é a sinergia entre o arcaico e o desenvolvimento tecnológico, é o uso da internet, quando se utiliza dessa tecnologia avançada para por em movimento impulsos afetivos, e formar imaginários.

É o que ocorre geralmente nas redes sociais, aonde as pessoas namoram, conversam e compartilham sentimentos e eventos do cotidiano. Nesse sentido, a interação entre o arcaico e a tecnologia seria uma característica da pós-modernidade, aonde os “opostos” podem conviver e até mesmo se complementar.

Michel Maffesoli reflete sobre um mundo moderno em ruínas que lentamente se retira de cena, e apesar dos vestígios dos seus rastros vai cedendo espaço a um mundo com particularidades pós- modernas.

Outra reflexão importante abordada por este autor para a compreensão das noções que desenvolve, é o imaginário como construtor da realidade. O termo Imaginário, em sua compreensão é complexo, já que existem vários autores que discorrem sobre essa temática, com bases filosóficas diferentes. No entanto, Michel Maffesoli busca sua fonte em Durand. E este, por sua vez, se fundamenta em Bachelard.

Inicialmente faz-se necessário compreender que imaginário difere-se de imagem, o imaginário é um processo complexo, fruto da imaginação que está repleta de imagens e significados.

Uma imagem pode representar um objeto ou uma sensação, enquanto que imaginário por meio da imaginação processa infinitas imagens, que se traduzem em significados pelo que essas imagens simbolizam. Nesse sentido, o imaginário é o “conjunto das imagens e das relações de imagens que constitui o capital pensado do *homo sapiens*” (DURAND, 1997, p. 14).

O imaginário promove, por meio da experiência sensível, o pensamento. O imaginário nesse sentido tem uma função de criação, conduzindo a mente ao conhecimento.

O imaginário não só se manifestou como atividade que transforma o mundo, como imaginação criadora, mas sobretudo como transformação eufêmica do mundo, como *intellectus sanctus*, como ordenança do ser às ordens do melhor (DURAND, 1997, p. 432).

O imaginário abarca todo universo simbólico, e sua compreensão é fundamental para entender os fenômenos na sua subjetividade. Por isso, tal noção é tão importante e base para outras abordagens refletidas por Maffesoli.

Maffesoli se vale da tese do antropólogo Gilbert Durand sobre os regimes diurno e noturno do imaginário para, em um caso, compará-lo ao domínio da razão e, no outro, ao da “socialidade”, extrapolando-os para manifestações da vida cotidiana (BARROS & ROSSETO, 2014, p. 104)

Gilbert Durand, buscando em Bachelard, procurou realizar uma analogia de imagens obtidas em diferentes culturas, realizando uma classificação dessas imagens a

partir de suas mitologias e da expressão dos diferentes tipos de Arte. A esse mecanismo ele denominou de “trajeto antropológico”. Durand, então classifica as imagens em dois regimes - o diurno e o noturno – que se combinam em complexos imaginários.

Para Raffaelliet. *al* ( 2012, p. 230 ) o regime diurno remete a ideias de ascensão, heroísmo, poder, iluminação, razão, e o regime noturno a descida, engolimento, trevas, intimidade, ciclos, evidenciando uma concepção dinâmica dessas estruturas.

É Bachelard que atesta a relevância do estudo sobre os complexos imaginários como signos culturais, os quais podem estar obscuros para homens que vivem longe dos livros, mas cheios de encanto para aqueles que procuram emoções nas obras. Nos complexos, as imagens culturais viram figuras de retórica para perpetuar-se na cultura poética (SILVA, 2014, p. 34)

Essas contribuições apresentadas se difundiram no meio acadêmico, e sua influência é evidente no Brasil. A partir dessas noções que foram explicitadas para situar quem é o autor Michel Maffesoli e o seu pensamento é que se pretende no próximo tópico refletir sobre a crítica ao racionalismo e ao uso dos conceitos.

## **1.2A crítica de Maffesoli ao racionalismo e ao uso dos conceitos**

O maior princípio da sociedade moderna, senão o mais importante entre outros princípios como o a hierarquia e a busca pelo progresso, é o racionalismo.

O princípio racionalista se impõe de forma inflexível, e por isso é chamado por Maffesoli (1988, p.9) de “totalitário”. O racionalismo não admite a pluralidade de ideias, uma terceira posição, sendo considerado reducionista.

Esse princípio moderno racionalista quando insiste em apontar o certo ou o errado, bom ou mal, moral ou imoral, acaba por dicotomizar o entendimento que se poderia alcançar sobre de um fenômeno, reduzindo e excluindo o campo de possibilidades e pluralidade de conhecimentos que são produzidos por meio da experiência na socialidade.

À essa lógica racionalista Maffesoli denomina de razão abstrata, onde se tem como objetivo chegar a uma unidade de conceito. Tal racionalismo é como fumaça que

se espalha por todos os espaços do conhecimento e sua presença pode ser notada nos discursos moralistas, que Maffesoli chama de a lógica do “dever- ser”, a qual engessa a liberdade de ir e vir, de viver, ser e estar junto como um espírito livre.

Essa lógica racionalista pode também ser percebida nas correntes filosóficas presentes nas universidades quando estas elaboram teorias com soluções precisas, seguindo padrões constantes de pensamento, fazendo diagnósticos a partir de uma receita também precisa, desconsiderando dessa forma as variáveis humanas, de contradição, de resistência, desconsiderando as banalidades humanas e o cotidiano. (MAFFESOLI, 1988, p.11)

A partir, portanto, dessas observações, se percebe a necessidade de olhar os eventos da socialidade de forma compreensiva, e superar antigas certezas ideológicas e valores que já estão ultrapassados.

Para Maffesoli (2007, p. 11) “É preciso romper o círculo virtuoso das análises óbvias. Dessas análises sem vida, feitas mais de virtuosismo que de amor. Análises elaboradas em lugares protegidos, nos centros de poder (simbólico, econômico, político)”.

Por isso a necessidade, segundo Maffesoli, em outras palavras de “pôr em jogo” uma estratégia que supere esses impasses do nexos abstrato racionalista. Essa estratégia deve estar desvinculada aos moralismos e padrões estabelecidos que estão ali irreduzíveis, reproduzindo ideologias e desconfiando de tudo aquilo que possa vir a ser uma ameaça aos paradigmas, se comportando como verdadeiros Totens, detentores da razão e dos olhares.

Tal estratégia encontra seu fundamento na sabedoria relativista, em outras palavras, em um saber dionisíaco que se aproxima de seu objeto e que considera que não existe uma verdade única, e que nada é absoluto.

Essa sensibilidade relativista que concilia os opostos, que permite diferentes concepções conviverem, que entende que no âmbito das ideias não existem verdades absolutas, o faz por que sabe que “a ordem e a desordem acham-se intimamente mescladas; trata-se, portanto, de encontrar os meios de, epistemologicamente, dar conta desta relação orgânica” (MAFFESOLI, 1988, p. 27). Tal organicidade nos convida a uma atitude formista, outra noção refletida por Maffesoli enquanto método.

A atitude formista respeita a banalidade da existência, das representações populares e das minúsculas criações que pontuam a vida de todos os dias. Ela não é doadora de sentido; ela não inscreve nada numa dada finalidade religiosa, política ou econômica; ela não formula imperativos categóricos. À sua maneira, ela se contenta em dizer o seu tempo, incorporando-se assim ao discurso polifônico que uma sociedade produz a seu próprio respeito. Talvez seja isso o que já se chamou “o intelectual orgânico” (MAFFESOLI, 1988, p. 112, grifo do autor).

Tendo em vista, os aspectos aqui observados é que se pretende no próximo tópico refletir sobre esse pensamento que está se difundindo gradativamente, especialmente entre os pesquisadores brasileiros, que buscam numa postura relativista amparada pelas contribuições do imaginário, uma nova forma de fazer ciência.

### **1.3A recepção das noções de Maffesoli no Brasil e a sua influência nos estudos sobre a juventude no Brasil**

Maffesoli, ao expor a fragilidade dos fundamentos do pensamento racionalista, nos convida a uma viagem onírica, aonde as imagens nos conduzem a nossa essência arquetípica e o imaginário surge como chave para compreensão das noções refletidas por este autor.

A poesia que emerge dos nossos sonhos e os paradoxos com que nos deparamos nos ensinam uma postura sensível e flexível até mesmo diante do fazer ciência, um fazer que cada vez mais recorre às contribuições do imaginário e percebe a necessidade de superar o velho determinismo que cerra nossos olhos para o que está aí.

Essa postura entre pesquisadores, guiada por esse pensamento dionisíaco, tem se difundindo, especialmente no Brasil, onde intelectuais de áreas diferentes de campos de conhecimentos procuram realizar suas pesquisas guiados pelo imaginário.

Por isso, é importante reconhecer quem são os pesquisadores brasileiros que se interessam e aprofundam seus estudos inspirados em Maffesoli mapeando e relacionando os eventos que já foram realizados e listando as produções acadêmicas por categoria de trabalhos como: artigos publicados, capítulos de livros; textos em jornais de notícias ou revistas; monografias; dissertações; teses e outras produções bibliográficas.

A partir da busca nos bancos de dados do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) procurou-se identificar e ilustrar em quantidade as produções acadêmicas realizadas por brasileiros que se inspiram no professor e pesquisador Michel Maffesoli, para que dessa forma seja possível visualizara influência desse intelectual francês que muito tem contribuído para a construção de um conhecimento para além do racionalismo, onde a inteligência e a sensibilidade interatuam amparadas pelo imaginário.

Para o levantamento de dados, foi essencial a busca pelos currículos no site do CNPQ onde foram analisados 224 currículos nos quais de alguma forma aparecia a palavra Maffesoli. Após a seleção dos currículos, um por um foi analisado, com o objetivo de identificar os trabalhos que tivessem a palavra Maffesoli no tema.

Os trabalhos realizados pelos brasileiros foram então classificados em 7 grupos: Artigos, Eventos, Livros, Capítulos de Livros, Jornais de Notícias ou Revistas, Monografias em nível de Graduação e Monografias em nível de Especialização.

Na categoria outras publicações bibliográficas encontram-se trabalhos apresentados cuja palavra Maffesoli aparece no tema da pesquisa e foram apresentados em anais de congressos, simpósios, seminários, conferências, palestras, fóruns, e também traduções, resenhas, prefácios, posfácios, orelhas de livros, nesta sessão foi possível observar 84 trabalhos de pesquisa.

Na Categoria eventos encontram-se os principais eventos cujos temas de reflexão são assuntos abordados sob a ótica de Maffesoli e onde seu nome também aparece no nome do evento, como colóquios, seminários, conferências, congressos, simpósios, encontros, fóruns e debates, neste tópico foi possível observar 54 eventos diferentes em todo o Brasil.

Foram encontrados 75 artigos completos publicados em periódicos com o nome de Maffesoli no tema, com as mais variadas temáticas possíveis, com temas nas diversas áreas do conhecimento como comunicação, psicologia, educação física, enfermagem, pedagogia, filosofia, sociologia, história, direito, publicidade e propaganda.

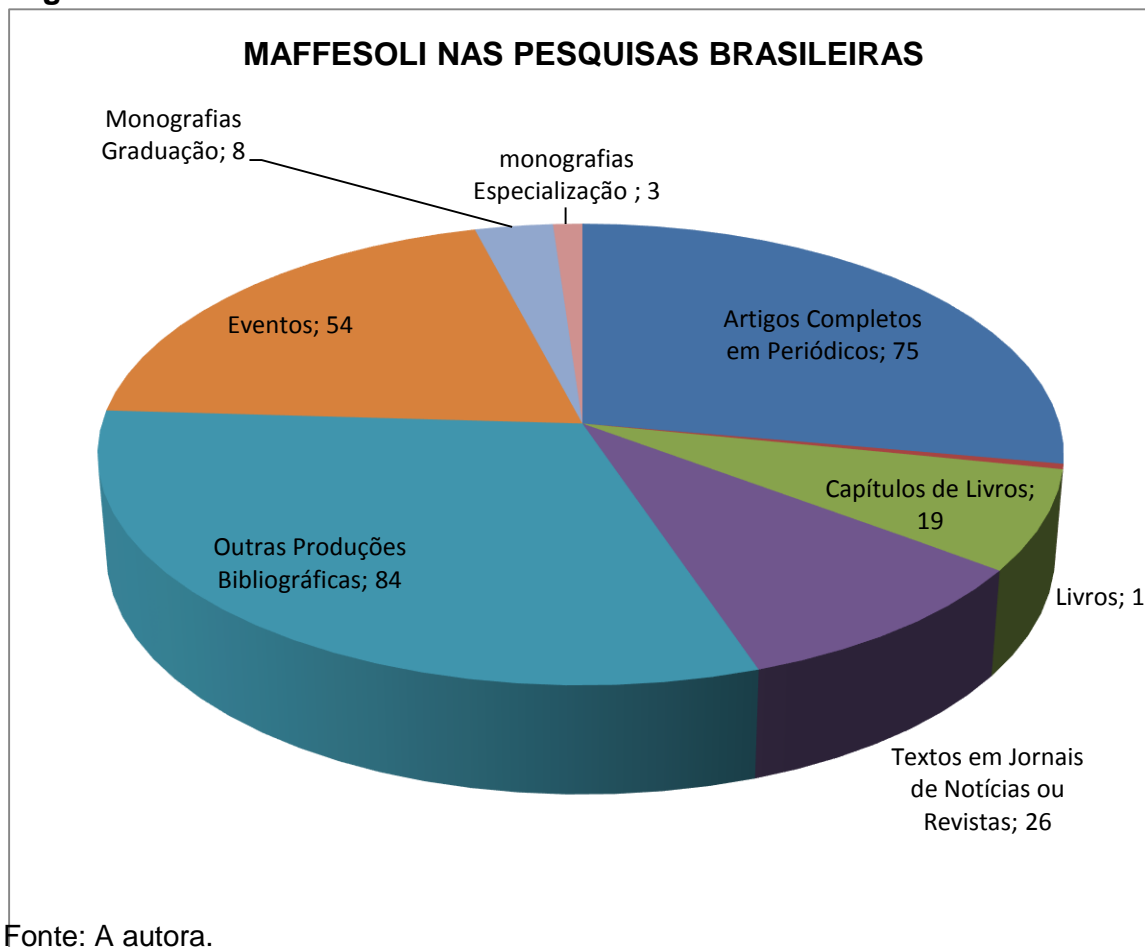
Observou-se 19 capítulos de livros publicados e 1 livro cuja palavra Maffesoli aparece no título do trabalho, 26 textos em jornais de notícias ou revistas, 8



monografias em nível de graduação e 3 monografias em nível de especialização sendo 1 de especialização, 1 de mestrado e 1 de doutorado.

Desses trabalhos alguns se dedicaram a temáticas voltadas para a juventude, onde a partir da fenomenologia e das contribuições do formismo foram abordados temas como: o estar junto juvenil na contemporaneidade (artigo); o uso da telefonia móvel pelos jovens e a noção de religação (artigo); análise de um evento desportivo/cultural para os jovens(apresentação de trabalho em congresso);a juventude do ensino médio(apresentação de trabalho em seminário); juventude e suas praticas corporais(apresentação de trabalho em congresso). E também um evento voltado para a juventude sob o olhar de Maffesoli, como o XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste: Comunicação, Cultura e Juventude em 2010 em Campina Grande.

**Figura 1**



Com o mapeamento dos trabalhos que já foram realizados é possível mensurar não somente o que está sendo produzido, mas a própria influência de Michel Maffesoli no pensamento acadêmico no Brasil, e também oportunizar o intercâmbio e debate de todo o conhecimento envolvido.

#### **1.4 A influência do CEAQ e os pesquisadores brasileiros**

Em 1982 os professores de Sorbonne Michel Maffesoli e Balandier fundaram o CEAQ (Centro de Estudos do Atual e do Cotidiano). Um grande centro de pesquisas reconhecido internacionalmente, com pesquisadores de vários países, cujo foco dos estudos são os eventos da socialidade e o imaginário.

O trabalho que se desenvolve no CEAQ torna-se público e amplamente divulgado com a ajuda das revistas “Sociedades” e “*Cahiers*” de “*l’imagination*” e das reputadas conferências que regularmente acontecem neste centro de estudos.

Segundo as informações que constam no site do CEAQ, os principais temas que estão especialmente sujeitos aos interesses do centro de pesquisas são aqueles relacionados com o imaginário, a socialidade e o localismo como: as várias formas de encontros sociais “*effervescence*”, as novas formas do estar-junto, consumo, valores dionisíacos, mídia, publicidade, televisão, cultura popular, comportamento, as abordagens de rua.

Michel Maffesoli faz parte da Associação Internacional dos Sociólogos Franceses, e é responsável com outro intelectual, o professor Tacussel pelo comitê de pesquisa do imaginário na vida social, organizando as atividades do comitê, simpósios e publicações em revista.

Como parte da Associação Internacional de Sociologia, o professor Michel Maffesoli é responsável por um grupo de estudos sobre “Sociologia da vida cotidiana e imaginário social”. É, também, vice-presidente do Instituto Internacional de Sociologia (IIS) que foi fundado em 1983 por R. Worms. Esse alcance das relações de pesquisa que Maffesoli se envolve e faz parte, muito contribuem para que o trabalho do CEAQ seja amplamente reconhecido e valorizado em todo mundo.

Muitos grupos desenvolvem várias pesquisas com base numa perspectiva epistemológica na sociologia interpretativa de Weber e Simmel com ênfase nos eventos cotidianos que surgem da socialidade como: práticas musicais, sexualidade, comportamento, novas formas de religiosidade, novos valores que sustentam o pós-modernismo como “tribalismo” e “nomadismo”, novas tecnologias, *cyberespaço*, *cybersexualidade*, atividades esportivas e o corpo.

Esses grupos não apenas contam com intelectuais da área da filosofia e sociologia, mas também com pesquisadores de outros departamentos acadêmicos como designers, jornalistas, arquitetos, músicos, artistas, esportistas, profissionais da área de turismo e recreação, médicos e outros.

O CEAQ está organizado basicamente de duas formas, a primeira forma consiste numa equipe própria de Paris composta por professores e alunos e estruturada em sete grupos de investigação aonde projetos de pesquisas são desenvolvidos em uma variedade ampla de tópicos.

A segunda forma consiste no CEAQ envolvido em uma ampla rede internacional universitária, seu envolvimento resulta em reuniões, colaborações, publicações conjuntas e participação em diversas conferências internacionais. Dessa forma, operando como instituição francesa, num âmbito de estrutura federal, mas se relacionando e fazendo vínculos internacionais com universidades de vários países como Brasil, Coréia, Itália, Espanha, Alemanha, Japão, Colômbia, Portugal, México, Canadá, EUA, Dinamarca entre outros países.

### **1.5Os grupos de pesquisa do CEAQ**

**GEDEVILS:** Grupo de Estudos sobre o Desvio, Violência, Liberdade e Segurança.

Este grupo de pesquisa reúne estudantes, pesquisadores e agentes sócio-profissionais que trabalham com o tema desvio, ou seja, o que foge da norma suscitando problemas de segurança para as instituições que assim, procuram controlar ou punir, levantando questões sobre moral. Esses controles sociais quando colocados em jogo, colocam em xeque a liberdade individual, dessa forma todas essas interações

e reações do desvio, bem como a violência social que decorre do desvio são a preocupação central do trabalho desse grupo de pesquisa GEDEVILS.

A relação entre mudança tecnológica e desvio, bem como inovações tecnológicas alterando equilíbrios sociais e econômicos, normas morais e sociais de produção também constituem preocupação de investigação para esse grupo de pesquisa. O docente responsável por esse grupo de estudos é o professor Lionel Pourtau.

**GEMMI:** Grupo de Estudos sobre Mito e o Mundo Imaginário

Este grupo de pesquisa surgiu a partir da iniciativa do professor da Universidade de Grenoble, Pierre Quéau. Desde sua criação em 1995 seus membros trabalham para o avanço do conhecimento na sociologia compreensiva da antropologia do imaginário e da micro-sociologia da vida cotidiana. A investigação desse grupo de pesquisa concentra-se nas manifestações contemporâneas do imaginário, ou seja, a noção da imagem como uma forma agregadora do social, como um vetor de encontro em torno de um pensamento comum e também nas relações entre os homens em relação a sua história, cultura e crenças, levando em consideração o papel da história e dos símbolos nas suas diversas formas de expressão.

Enquanto alguns autores abriram a porta para o pensamento fenomenológico, como Wilhelm Dilthey, Georg Simmel, Alfred Schutz ou Max Weber, o pensamento continuou sua viagem em diferentes perspectivas, como na filosofia de Gaston Bachelard, na antropologia de Gilbert Durand e Balandier, e na sociologia do contemporâneo de Michel Maffesoli e Edgar Morin. O docente responsável por esse grupo de pesquisa é atualmente Frédéric Vincent.

**GEMODE:** Grupo de Estudos em Moda

Este grupo de pesquisa, que surgiu em 2001 objetiva refletir questões teóricas e práticas da moda contemporânea a partir do imaginário social bem como compreender como surgem as últimas tendências ou os novos modelos de inspiração. Fazem parte de discussão e interesse para esse grupo de pesquisa, temáticas como: design, arte, cinema, cultura digital. O GEMODE procura evidenciar o disfarce da moda, e refletir

sobre como a moda se relaciona com outras noções como socialidade e tribalismo. A responsável por esse grupo de estudos é Emilie Coutant.

**GESCOP:** Grupo de Estudos das Sociologias Compreensiva e fenomenológica

Esse grupo de pesquisa procura revitalizar as teorias das ciências sociais refletindo questões sobre método e conteúdo. A partir do imaginário e das contribuições da sociologia, filosofia e literatura esse grupo de pesquisa investiga os eventos no cotidiano da vida diária. O diretor desse grupo de estudos é Panagiotis Christias e os demais responsáveis Antonio Rafele e Aurélien Fouillet.

**GRACE:** Grupo de Pesquisa em Antropologia do Corpo e seus Desafios

Esse grupo de estudos surgiu em 1987 por iniciativa de A. Biao e J. Griffet e tem como preocupação investigar o corpo a partir da antropologia e possibilitar um espaço de trocas multidisciplinares e de conhecimento. Procura-se, a partir do imaginário da corporalidade, refletir sobre o uso diário do corpo, como na recreação, nas atividades esportivas, na moda e beleza, na saúde, nas artes, nos meios de comunicação, nas várias passagens do corpo individual ao corpo social. Os responsáveis por esse grupo de estudo são Olivier Sirost e Frédéric Lebas.

**GREMES:** Grupo de Estudo e Pesquisa em Música e Sociabilidade

O objetivo desse grupo de estudo é refletir os fenômenos musicais contemporâneos e suas influências, compreendendo a música como prática social. As responsáveis por esse grupo de pesquisa são Anne Petiau e Laure Ferrand.

**GRETECH:** Grupo de Pesquisa e Estudo sobre Tecnologia e Diário

Esse grupo de estudo reúne estudantes, pesquisadores e professores que têm interesse no estudo da apropriação social da tecnologia, incluindo técnicas de comunicação e imagens. Desde a sua criação em 1994 por André Lemos, atualmente professor de sociologia no Brasil, o grupo tem direcionado seu trabalho para as implicações das formas de comunicação sobre a natureza do vínculo social.

Neste grupo procura-se desenvolver estudos sobre as novas formas de sociabilidade que emergem em espaços de comunicação e de troca *on-line*, a apropriação social e coletiva de ferramentas de comunicação, a co-gestão das tecnologias de comunicação e imaginário social, identidade coletiva compartilhadas através de meios técnicos e de construção de imagem e em geral todos os espaços

sociais onde a arte está envolvida. Dessa forma os principais interesses para esse grupo de estudos constituem-se nas temáticas como: redes, televisão, dispositivos móveis e outros. Os responsáveis por esse grupo de pesquisa são Stéphane Hugon e Federico Casalegno.

**GRES:** Grupo de Pesquisa sobre Espaço e Sociabilidade

Esse grupo de estudos, fundado em fevereiro de 2004, reúne pesquisadores de diferentes disciplinas que estão interessados no estudo sobre os eventos que surgem do espaço na sociabilidade e analisar essa pós-modernidade emergente através do espaço, utilizando os arquétipos e as imagens. Em 1960, Gilbert Durand criou um quadro de análise do imaginário com “as estruturas antropológicas do imaginário”, e é a partir dessa grade rigorosa que esse grupo de pesquisa procura discorrer sobre o espaço. A responsável por este grupo de estudos é Tania da Rocha Pitta.

**GRIS:** Grupo de Pesquisa em Sociologia da Imagem

Esse grupo de pesquisa reúne pesquisadores que trabalham com imagem a partir das contribuições de Gilbert Durand e Michel Maffesoli sobre o imaginário.

O interesse desse grupo é baseado em uma reflexão sobre a imagem como um sinal distintivo da pós-modernidade que explora a linguagem por meio do cinema, televisão, fotografia e etc. O responsável por esse grupo de pesquisa é o professor Fabio La Rocca e AmalBou- Hashem.

**SFB:** Seminário Franco Brasileiro

Criado em 1987, o objetivo desse grupo de pesquisa é oferecer aos pesquisadores franceses e brasileiros um fórum para facilitar a troca de conhecimento e experiência de trabalho e pesquisa, oferecendo um espaço de reflexão. Com base na cumplicidade cultural dos dois países, é possível viabilizar condições de correspondência entre os sociólogos da literatura, arte, dança, música e realizar uma leitura dos trabalhos desenvolvidos sob a luz das diferentes escolas de pensamento sociológico e filosófico. Procura-se refletir sobre as dicotomias da sociedade franco-brasileira discorrendo sobre temas como: vida social, política, trabalho, religião, família, ideologias, consumo entre outros. A responsável pelo grupo de pesquisa é Ana Maria Peçanha.

**GEIST:** Grupos de Estudos em Ética, Imaginário e Saúde

Esse grupo de Estudo tem como objetivo reunir pesquisadores de diferentes disciplinas interessadas em questões relacionadas com a saúde nas sociedades contemporâneas. É também um espaço para jovens pesquisadores apresentarem e discutirem a suas pesquisas e trocar conhecimento e experiências com outros pesquisadores e outras disciplinas. A responsável por esse grupo de estudos é Aurelien Fouillet.

**GREAS:** Grupo de Pesquisa Educação, Eco-Arte e Sociedade

Este grupo de pesquisa orbita em torno da educação e da arte e reúne pesquisadores, professores, estudantes, profissionais da cultura e interessados nestas temáticas. Os responsáveis por esse grupo de pesquisa é Apolline Torregrosa e Roberto Marcelo Falcón Vignoli.

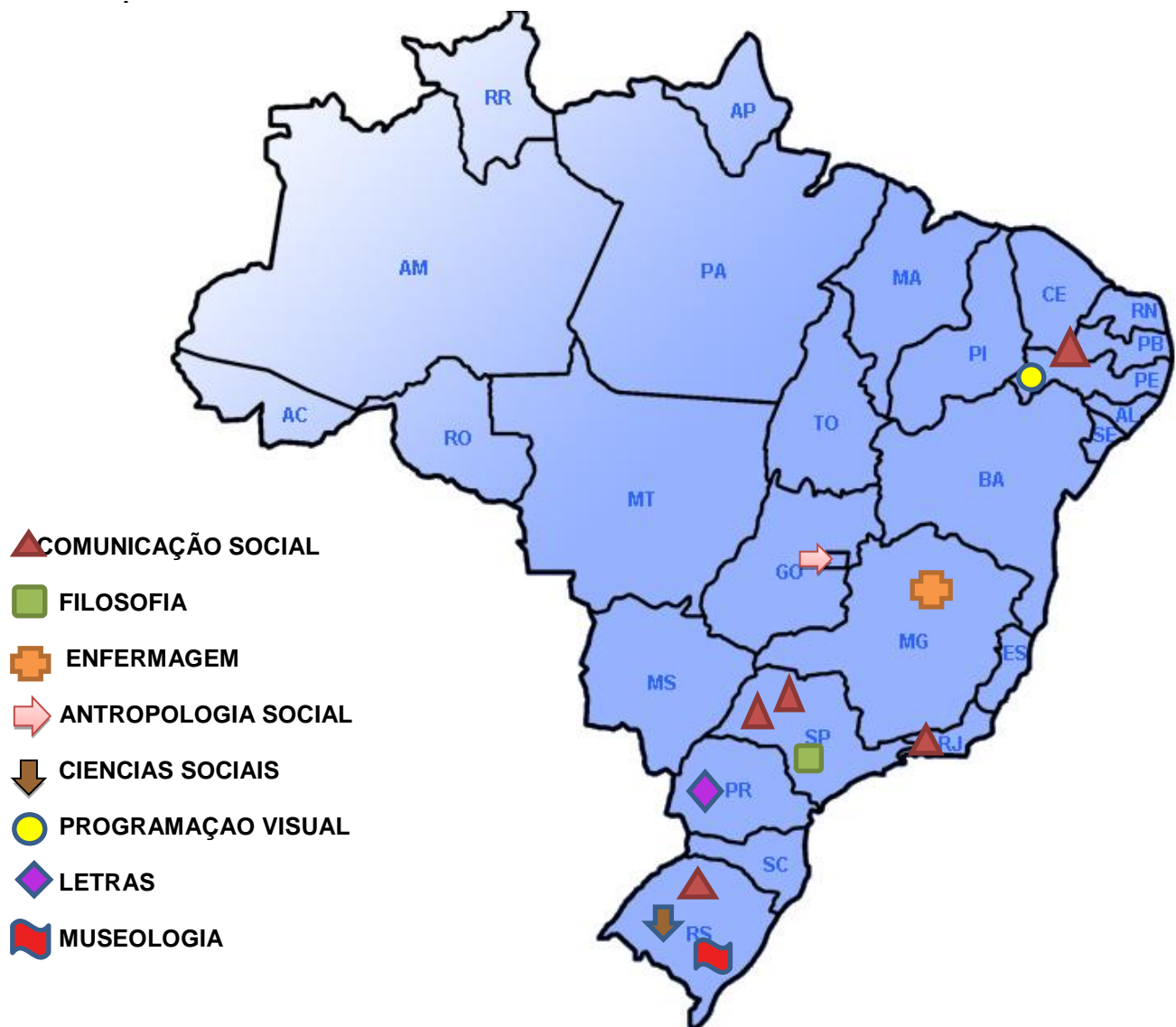
São ao todo doze pesquisadores brasileiros que atuam nos grupos pesquisas do CEAQna Sorbonne. Desses pesquisadores cinco são da área de comunicação social, um da área de filosofia, um de enfermagem, um de antropologia social, um de ciências sociais, um de programação visual, um de letras e um de museologia.

Metade dos brasileiros se divide em três pesquisadores para a região de São Paulo e três para a região do Rio Grande do Sul, e os demais se dividem um para cada região (Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná, Paraíba, Brasília e Pernambuco).

São Paulo e Rio Grande do Sul são os dois estados que se destacam na concentração de brasileiros pesquisadores por região com 50%. E a área do conhecimento que se destaca é a de comunicação social com 45,45%.

Como critério para a definição da região e área do conhecimento, utilizou-se os dados referentes a formação na graduação, levando em conta os cursos realizados pelos brasileiros e a cidade onde se formaram. Numa busca mais avançada, percorrendo o currículo lattes, de cada pesquisador, foi possível observar que a maioria embora tenham se especializado em outras áreas, seguem, com seus trabalhos dentro da área da graduação.

Figura 2 - Pesquisadores brasileiros no CEAQ



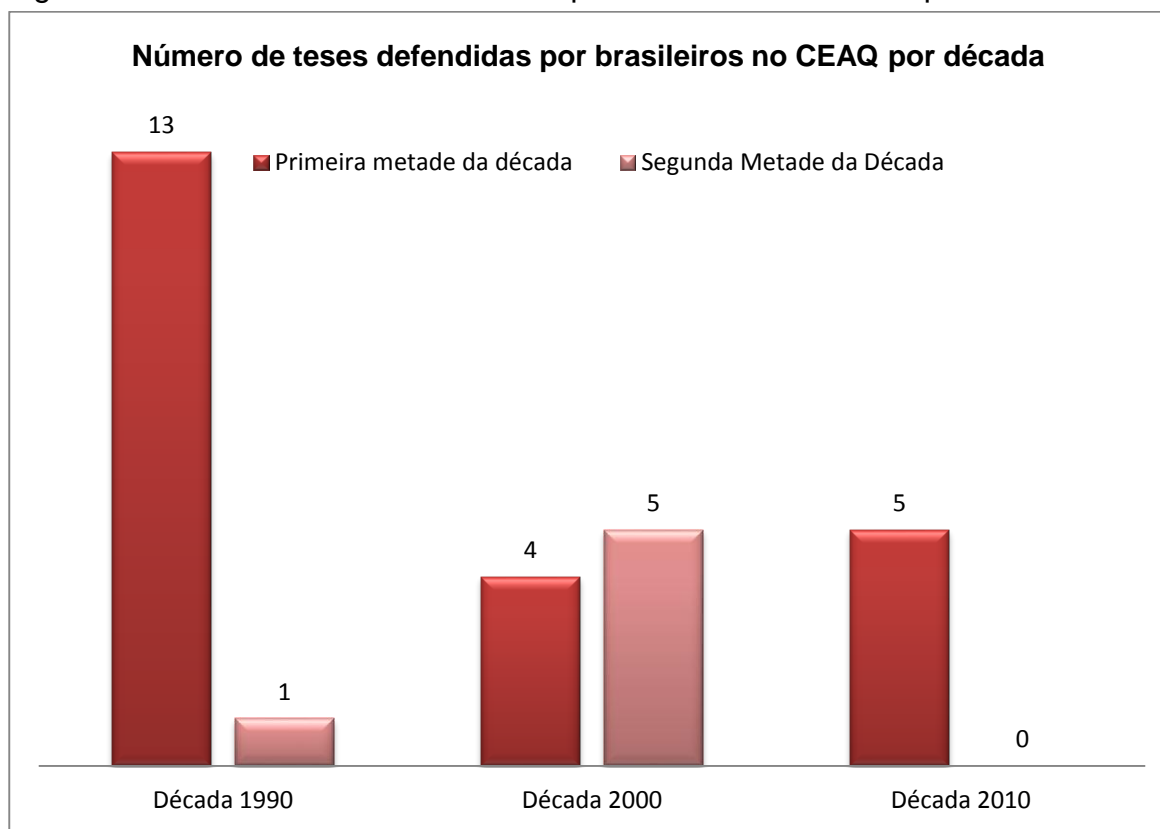
Fonte: A autora.

Não somente as portas das universidades brasileiras se abrem para as grandes contribuições de Michel Maffesoli, mas também as portas do Centro de Estudos do Atual e Quotidiano, fundado por Maffesoli na França se abrem para os brasileiros e para todos que se interessam em desenvolver pesquisas a partir do método fenomenológico, do imaginário e do cotidiano. Dos anos 90 até 2013, foram 28 teses defendidas por brasileiros que se formaram no programa de pós graduação em nível de doutorado no CEAQ.



É inegável a influência e contribuição do pensamento de Michel Maffesoli nas diversas áreas do conhecimento, especialmente nas universidades brasileiras, onde nota-se um constante interesse pelas noções desenvolvidas por esse sociólogo francês de grande renome internacional.

Figura 3 - Número de teses defendidas por brasileiros no CEAQ por década



Fonte: A autora

## 2. A METODOLOGIA MAFFESOLIANA

### 2.1 Os cinco passos da sociologia compreensiva

Neste tópico procura-se refletir sobre os pressupostos teóricos da sociologia compreensiva. O primeiro pressuposto consiste na crítica ao dualismo esquemático, o segundo pressuposto se volta para questão da “forma”, o terceiro pressuposto traz uma reflexão sobre a sensibilidade relativista, o quarto pressuposto a importância de uma pesquisa estilística e o quinto pressuposto, um pensamento libertário.

O primeiro pressuposto apresentado por Maffesoli na obra *O conhecimento comum*, nos alerta ao dualismo esquemático, ou seja, o conflito entre as invenções do racionalismo no âmbito do conhecimento sociológico apontando para uma sociologia de serviço e o conhecimento a partir da sociologia compreensiva, apontando para uma sociologia do conhecimento pautada na experiência a partir dos sujeitos.

De um lado, dá-se ênfase à construção, à crítica, ao mecanismo e à razão; de outro, é costume insistir-se na natureza, no sentimento, no orgânico e na imaginação. Isto nos leva à dicotomia já proposta e que utilizo, naturalmente, como metáfora: a construção paranoica opondo-se ao procedimento metanoico (MAFFESOLI, 1988, p. 22).

A construção paranoica é uma construção autoritária, que impõe o seu determinismo, ao passo que a construção metanoica remete a uma ideia de construir e pensar juntos. Na obra *Elogio a razão sensível* Maffesoli (1998, p. 18) assevera: “De minha parte propus por em ação um pensamento de acompanhamento, uma metanóia (que pensa ao lado), por oposição à “paranoia” (que pensa de um modo impositivo) próprio da modernidade”. Outro aspecto importante nesse pressuposto é a ideia de que o racionalismo e o irracionalismo se complementam.

A socialidade nascente apela para uma postura intelectual que saiba romper com a visão unívoca de um mundo que pode ser dominado com a ajuda da razão. Aqui também, a vida social nos incita a ter mais prudência: nossas sociedades policiadas são aquelas onde o irracionalismo se afirma com força crescente. Acaso não será por se ter pretendido coibir aquilo que, por diversos nomes, foi denominado “parte maldita”, “instante obscuro”, coisas de que a natureza humana também

está impregnada?[...] quanto mais à consciência se mostrar racionalista, mais o universo quimérico do inconsciente ganhará em vitalidade (Maffesoli, 1998, p. 19).

O segundo pressuposto “forma” pode nos levar a algumas dúvidas em relação a terminologia forma, que nesse momento não denota a uma noção de formato ou formalismos, mas ao contrário, ela é formante, no sentido essencial, de dentro para fora, de uma socialidade que se estrutura por meio de representações articuladas por imagens no cotidiano.

A noção de formismo não mais permite os contra-sensos habitualmente induzidos pela idéia de “Forma”; esta me parece bastante adequada para descrever, de dentro, os contornos, os limites e a necessidade das situações e das representações constitutivas da vida cotidiana. Assim se tempera a rigidez do estruturalismo, preservando-se, porém, sua pertinente perspectiva de invariância; trata-se, portanto, de modulação temperada que permite apreender a labilidade tanto quanto as correntes quentes do vivido (MAFFESOLI 1988,p. 26).

O terceiro pressuposto que se refere a uma sensibilidade relativista se fundamenta em um saber dionisíaco que se relaciona com seu objeto e que considera que tudo é relativo e que não existe apenas um caminho.

Quando já não se tem quaisquer garantias, ideológicas, religiosas, institucionais, políticas, talvez seja preciso saber apostar na sabedoria relativista. Esta “sabe”, por um saber incorporado, que nada é absoluto, que não há verdade geral, mas que todas as verdades parciais podem entrar em relação umas com as outras. É isto, o bom uso do relativismo: quando não há uma finalidade assegurada, quando o objetivo distante esmaeceu-se, podemos conceder às situações presentes, às oportunidades pontuais, um valor específico. Isso é bem difícil para os diversos moralismos que funcionam à base da lógica do “dever-ser”. O “você deve” perde a força assim que os costumes vacilam [...] Todavia, por mais relativista que seja, a lição das coisas não implica de modo algum uma abdicação do intelecto [...] ela remete para uma deontologia, a saber, para uma consideração das situações (tadeonta) naquilo que elas têm de efêmero, de sombrio, de equívoco, mas também de grandioso (MAFFESOLI, 1998, p.9).

Nessas, e em outras considerações em suas obras, Maffesolicritica o conceitualismo, ou seja, a idéia final irreduzível sobre alguma coisa, tendo em vista que o conhecimento é relativo, a ideia de conceito acaba soando reducionista demais. E é a

partir dessa noção que o quarto pressuposto tem sentido. A pesquisa estilística é uma atitude que decorre da sensibilidade relativa.

Há um estilo do cotidiano feito de gestos, de palavras, de teatralidade, de obras em caracteres maiúsculos e minúsculos, do qual é preciso que se dê conta – ainda que, para tanto, seja necessário contentar-se em tocar de leve, em afagar contornos, em adotar um procedimento estocástico e desvolto. É a este respeito que o estetismo, que podemos reivindicar, será declarado correlato de uma reflexão “formista”. É possível imaginar-se uma sociologia que se estabeleça na base de uma retroalimentação constante entre forma e empatia (MAFFESOLI, 1988, p. 36).

O quinto pressuposto, o pensamento libertário, é este pensamento ousado, inovador contrário às imposições racionalistas, é este saber dionisíaco que tudo pondera, é a atitude formista diante dos fenômenos, é o pensamento do espírito livre, o metanoico em contraposição com o paranoico, é uma síntese de reflexões abordadas até aqui.

## **2.2. Uma reflexão sobre os fundamentos da fenomenologia formista**

Compreender o mundo e a dinâmica dos fenômenos na contemporaneidade a partir do pensamento pós-moderno, amparado no método da fenomenologia com segmento na sociologia do cotidiano requer do leitor, como já foi percorrido até aqui, uma postura sensível, e que diante do desconhecido, diminui o compasso e consulta no relativismo a maleabilidade de espírito.

Refletir sobre um evento ou fenômeno nessa perspectiva não significa definir a coisa em si, ou julgá-la, mas com um olhar paciente acompanhar numa postura muito mais de observador do que avaliador os elementos que dão sentido e constituem o fenômeno nas suas particularidades.

Para o método fenomenológico, o sujeito a partir de sua experiência, age no mundo de aparência e interpreta este mundo que está dado a partir de sua consciência, e ele o faz por meio da intencionalidade.

Segundo Martins (1992, p.56) “ao situar o que desejo conhecer, ou o fenômeno a ser visto e, conseqüentemente, a ser percebido, no pano de fundo do mundo, passo a

descrevê-lo”. Ao descrever os elementos que compõe aquilo que anseio conhecer, registro particularidades que são necessárias para compreensão do todo.

O mundo está dado, e apresentado tal como é, e compete à consciência percebê-lo e interpretá-lo. Entretanto, interpretar dentro da lógica científica denota a uma necessidade de reconhecer como os fenômenos que tentamos compreender são de fato experienciados pelos sujeitos.

O método fenomenológico consiste na descrição do fenômeno, e almeja alcançar a essência a partir dos elementos que compõe o próprio fenômeno. E isso se dá a partir da relação entre consciência e experiência no mundo que está ali, por meio da intencionalidade. Nesse sentido Schutz, afirma em relação ao ser humano que:

Ele lida com esse mundo segundo o modo intelectualmente espontâneo e ativo da intencionalidade: não há qualquer fase ou aspecto da consciência humana que apareça em si mesma ou por si mesma; a consciência é sempre consciência de alguma coisa. As formas de consciência são vinculadas ao conteúdo das experiências. A experiência é a atenção “voltada” para os objetos, sejam estes reais, ou imaginários, materiais ou ideais; e todos esses objetos são “intencionados” (SCHUTZ, 2012, p. 16, grifos do autor).

Compreender o processo que é a tomada de consciência consiste em primeiramente entender que quando se tem consciência, está implícita a necessidade de se ter consciência de alguma coisa. Para Schutz (2012), os tipos de consciência estão ligados ao conteúdo daquilo que é experienciado. Nesse sentido, deve-se ter como ponto de partida, segundo Husserl (citado por Schutz), uma “suspensão da crença” em um mundo “exterior”.

A “realidade” desse mundo exterior não é nem confirmada e nem negada; ela é apenas “colocada entre parênteses” em um ato de “redução fenomenológica”. Aquilo que permanece após a eliminação de todos os pressupostos ontológicos são os processos da consciência humana e seus “objetos intencionados”. Estes não são mais entendidos como objetos do mundo exterior, mas como unidades de “sentido” ou de “significado” no “mundo interior” da consciência individual (SCHUTZ, 2012, p. 16, grifos do autor).

Nessa ótica o fenômeno é entendido a partir de suas unidades de sentido, apreendidas pela consciência, nesse movimento de ir à coisa mesma.

Não se nega e nem se afirma os elementos do mundo externo. O objetivo tem haver com a redução fenomenológica, no sentido de chegar à essência do fenômeno entendido pela consciência.

A descrição, um elemento importante do método da fenomenologia, nesse sentido, decorre da postura flexível, que ao observar o fenômeno nas suas particularidades, descreve todos aqueles elementos que são essenciais para a compreensão do todo.

A realidade já está dada e se define por si só, mas compreendê-la na sua pluralidade sem correr o risco de cair nas tentações do reducionismo é que está o desafio, por isso é tão importante que essa atitude que compreende que numa realidade existem muitas outras, consiga descrever os elementos com o objetivo da reflexão e compreensão sobre o todo.

[...] o fato de descrever, enquanto tal, aquilo que é, não é de modo algum uma abdicação do intelecto, mas uma simples mudança de perspectiva: trata-se de buscar a significação de um fenômeno em vez de estar focalizado sobre a descoberta das explicações causais (MAFFESOLI, 1998, p.129).

De uma forma respeitosa, não judicativa, Maffesoli volta sua atenção para os sentidos dos fenômenos e não para as explicações que buscam as causas. Captar essa significação para a descrição consiste em levar em consideração não somente os aspectos objetivos, mas também os subjetivos, como os elementos psicológicos, como os mitos que se ritualizam nas atitudes e no cotidiano, e todo o universo simbólico, consiste numa atitude intuitiva sensível.

Devo precisar, de imediato, que não entendo a intuição como simples qualidade psicológica. É até possível que ela seja tudo menos pessoal. Com efeito, pode-se, ainda que seja a título de hipótese, considerar que ela participa de um inconsciente coletivo. Que ela é oriunda de um tipo de sedimentação da experiência ancestral, que ela exprime o que propus chamar de “saber incorporado” que, em cada grupo social e, portanto, em cada indivíduo, constitui-se sem que se lhe dê muita atenção [...] nesse sentido, ela constitui um substrato arcaico, um “resíduo”, um arquétipo que assegura, a longo prazo, a perduração de todo um conjunto social (MAFFESOLI, 1998, p.130).

Mais do que um atributo psicológico, a intuição é um conhecimento consolidado no inconsciente individual e coletivo e que a todo o momento rememora a infinitas imagens. “O que corresponde, aliás, à etimologia do termo: uma visão do interior das coisas” (BOURSEILLE, 2011, p. 22).

É um elemento muito importante para o método da fenomenologia que ao descrever um fenômeno na tentativa de compreendê-lo precisa recorrer a essa sabedoria instintiva cristalizada, que está aparentemente oculta, mas, no entanto, é capaz de abarcar toda a subjetividade.

Sabe-se, portanto, que a descrição recorre à intuição para compreender um fenômeno, mas como a descrição apresenta as particularidades do fenômeno? Através da metáfora, outro elemento essencial para o método da fenomenologia formista. Para Maffesoli as metáforas

[...] favorecem uma arte da descrição que permite epifanizar os fenômenos tais quais são, fazer com que sobressaiam pelo que são, sem remetê-los a um longínquo além que lhes desse sentido. Tal processo holístico permite, além disso, ultrapassar uma concepção abstrata do mundo e, assim, melhor dar conta do vitalismo que é o próprio das diversas manifestações do estar-junto social. Em suma, o aspecto animado das metáforas está em perfeita congruência com aquilo que, em seu sentido mais forte, se pode chamar de “animação” do mundo. Assim como o poeta anima, pelas imagens, aquilo que descreve, o sociólogo vai, pela utilização das metáforas, fazer sobressair a vitalidade e a dinâmica do vivente (MAFFESOLI, 1998 p.238).

A metáfora se utilizando das imagens para fazer relações e analogias, faz com que seja possível alcançar o entendimento daquilo que se pretende conhecer de uma forma criativa e dinâmica ampliando os sentidos.

Ao mesmo tempo em que o jogo das imagens transporta a emoção coletiva e o prazer dos sentidos, a metáfora, tomada em seu sentido etimológico, permite compreender o transporte do sentido [...] há um poder da palavra que corresponde à potência das imagens. Num momento em que domina a sensibilidade estética, um e outro entram em sinergia; e precisamente o que funda a metáfora (MAFFESOLI, 1998, p. 157).

A metáfora funcionaria com um método criativo capaz de intermediar a razão e a imaginação, a inteligência e a sensibilidade. Sobre o uso da metáfora, Maffesoli diz que:

Detesto as distinções demasiado nítidas, as definições demasiado rígidas ou, até mesmo, os conceitos confinados em si mesmo. Prefiro utilizar metáforas, analogias, noções flexíveis e moventes [...] porque, em determinados momentos, a vida social, lábil por natureza, tem necessidade de ser compreendida com termos que, por sua vez, estejam em movimento (BOURSEILLER, 1944, p. 31).

O pensamento de Michel Maffesoli, vem exercendo uma significativa influência nos pesquisadores brasileiros, de variados campos de conhecimento. Seu modo de olhar o mundo, a partir de uma razão sensível, é muito pertinente para olhar a juventude na contemporaneidade, pois agrega a razão outros elementos do pensamento, como os arquétipos com todos os seus mitos, símbolos, signos num exercício de olhar que não julga, que não se espanta com nada do que é humano, mas que se contenta em descrever como vivem sem preocupações de definir ou conceituar, mas sim acompanhar numa atitude relativista que busca os sentidos e os significados de juventude na atualidade.



### 3. ALGUMAS NOÇÕES DE MAFFESOLI PARA REFLEXÃO SOBRE A JUVENTUDE

Maffesoli não escreveu obra alguma e específica sobre juventude, as suas noções encontram-se esparsas, em suas diversas obras, entrevistas e cabe aquele que se dedica a uma pesquisa a partir das contribuições desse pensador, buscar o entendimento e produzir conhecimento.

Não é uma tarefa fácil, pois seus textos são um mar de riquezas filosóficas e sociológicas. Entretanto, apresentamos neste capítulo um exercício de reflexão sobre as noções de Maffesoli e as possíveis contribuições para pensar a juventude.

Importante ressaltar que a juventude é uma construção histórica e cultural e os seus significados variam de acordo com o tempo histórico, as épocas, as relações sociais e as experiências culturais.

A palavra juventude alude a um turbilhão de imaginários. Variadas situações sociais e culturais influenciam os modos de ser jovem. Entretanto, a idade aparece em todas as sociedades como determinante para as atividades sociais.

Antes de sermos jovens somos humanos, e enquanto humanos não podemos negar a existência de nossos impulsos dionisíacos, como já foi dito, nosso impulso vital que nos leva a viver sempre em busca de expressão, através da coletividade, evidenciando o querer-viver.

Independente da classe social a juventude tem sido caracterizada na literatura (GADEA, 2011) pela impetuosidade e destemor ao perigo do risco morrer, levando-os a adotarem determinados comportamentos suscetíveis de cometerem ou sofrerem atos considerados violentos.

O jovem traz latente em seu interior o ardor da contestação, onde talvez a inquietação se constitua como o maior atributo para a sua ação. Dessa forma a rebeldia se torna também a maior expressão dessa energia em movimento. Esse grupo social assim como todos os outros são formados em certo tempo e espaço, e procuram a todo o momento uma identidade que traga sentido para sua atuação e existência na vida social.

Essa inquietude é o fundamento do estado de guerra permanente próprio desta perpétua tensão entre o que cada um é e o que gostaria ou sonharia ser. Talvez devamos enxergar nisto a fonte desse conflito estrutural de que está impregnada a via social. Conflito no interior e si mesmo, conflito contra si mesmo. Crisol da luta que, no fim das contas, nos une ao outro (MAFFESOLI, 2004, p. 114).

Esse hedonismo (necessidade de expressar-se, de querer viver) e a necessidade de identificação com outros através da comunhão de corpos (estar- junto) ou ideias, é o que melhor se aproxima da noção de tribalismo, noção tão problematizada por Maffesoli.

Pensar as características da juventude contemporânea não é um exercício fácil, pois existe uma insegurança em relação a própria compreensão sobre o que esse termo juventude significaria, especialmente quando tentamos compreender o seu papel na socialidade.

A juventude é uma invenção moderna, sendo, desse modo, tecida em um terreno de constantes transformações [...] O movimento é a sua marca e a inovação o seu signo. Com a expansão do industrialismo, em que o consumismo e a cultura de massas tornam-se a tônica da nova era, a juventude se expressa como agente catalisador e propagador de um estilo moderno e cosmopolita. Nesse sentido, a juventude é recortada por referentes simbólicos condensadores de uma marca estilizada do “ser moderno”. Talvez sejam por tais características que se tornem sempre tão complexas as tentativas e conceituação do termo juventude (DIÓGENES, 1998, p. 94).

E mesmo que ao termo juventude esteja atrelada a ideia de rebeldia e contestação, ainda assim vale ressaltar que este grupo não está a salvo das investidas ideológicas do mercado, muito pelo contrário, justamente por esse grupo social ser esse “agente catalisador e propagador” do moderno e urbano, acaba sendo na realidade, através do consumo, espelhos do contemporâneo.

O consumismo traz uma mensagem subliminar e orienta-se sobre princípios básicos: não é apenas o potencial produtivo e a riqueza acumulada pelos indivíduos o que define o status social; é fundamentalmente o que eles podem consumir e efetivamente consomem que os identifica e os qualifica no jogo das relações sociais (DIOGENES, 1998, p. 100).

Efetivamente aquilo que o jovem pode consumir é que vai ceder ou negar a esse jovem, espaço na vida social. Talvez essa seja a chave para compreender que emerge das práticas juvenis no mundo atual, especialmente a transgressão, como ocorre nas diversas modalidades de violência, rebeliões, e as demais efervescências sociais experienciadas pelos jovens, sejam elas vividas na forma de histeria em espaços como igrejas, estádios ou em grandes espetáculos musicais, ou ainda, desfrutadas nas festas, nos teatros, museus ou no folclore.

A exclusão e a rebeldia juvenil invadem o palco da cidade, produzem enredos culturais diversificados, em que a pluralidade e a diversidade de visitação urbana articulam-se dentro de um mesmo referente: o direito de ser reconhecido morador e “consumidor” da cidade, terreno primordial para a constituição de grupos identitários (DIOGENES, 1998, p. 159).

E assim os grupos identitários, ou tribos urbanas vão se formando e tomando corpo na medida em que outros jovens se identificam e aderem ao estilo dos grupos. Maffesoli (1996) afirma que cada pessoa procura identificações com certas tribos ou grupos sociais. Estas identificações diferenciam-se da identidade moderna que demarca decididamente o que a pessoa é e será no decorrer de sua existência. A lógica de identificação refletida por Maffesoli evidencia que “o eu é só uma frágil construção, ele não tem substância própria, mas se produz através das situações e das experiências que o moldam num perpétuo jogo de esconde-esconde” (MAFFESOLI, 1996, p. 303).

Os jovens, e as pessoas de um modo geral também, podem mudar suas identificações muitas vezes ao longo de suas existências. Mudam suas aparências, suas relações interpessoais e vão revelando sucessivas identificações e construindo significados para as suas próprias existências encontrando, no espaço por meio dos grupos nos quais se identificam o seu lugar.

Através dessas festas excepcionais ou cotidianas, o corpo de companheiros lembram de si como tal. Os diversos rituais (correntes de união, bailes, abraços, bebedeiras) não tem outra função, eles lembram o desejo de organicidade que une os companheiros entre si (MAFFESOLI, 2001, p. 73).

O paradoxo entre existir e viver consiste numa dinâmica social que faz sentido no momento em que se compreende que as experiências que os sujeitos vivenciam refletem a própria existência, e a existência por sua vez, assume forma e significado por meio da experiência. Para Barros (2014, p.47), em outras palavras “[...] equilíbrio entre as pulsões subjetivas e as intimações objetivas ou do meio”.

Os sujeitos na tentativa de equilibrar os seus impulsos subjetivos com as imposições sociais, entram em conflito, é o que Michel Maffesoli chama do “querer-viver” em contraposição com o “dever – ser”.

Nomadismo e metamorfose parecem constituir respostas para essa necessidade de continuidade através da mudança. A unidade e continuidade da experiência individual não podem ser encontradas em uma identificação fixa com um modelo, grupo ou cultura definidos. Deve ao invés disto ser baseado na capacidade interior de “mudar a forma” de redefinir-se a si mesmo repetidas vezes no presente, revertendo decisões e escolhas. Isso também significa acalentar o presente como experiência única, que não pode ser reproduzida, e no interior da qual cada um se realiza (MELUCCI, 1996, p. 11).

Diante dessa perspectiva Michel Maffesoli desenvolve noções como nomadismo – que é a busca do equilíbrio entre o “querer-viver” e o “dever-ser”, o tribalismo – onde o autor observa a necessidade que os sujeitos têm de se reconhecerem ao identificarem-se em grupos, o hedonismo – onde o sujeito sente a necessidade de expressar-se, desfrutando a vida.

Nos anos 90 as figuras juvenis mais em evidência são os jovens pobres que aparecem nas ruas, divididos entre o hedonismo e a violência: meninos de rua, jovens infratores, gangues, galeras, tribos; e, principalmente, jovens em “situação de risco” (risco para si próprios e para a ordem social), dos quais aqueles envolvidos no tráfico, matando e morrendo muito cedo, são uma das imagens mais dramáticas e ameaçadoras dos nossos tempos. Figuras paradigmáticas em cada conjuntura histórica, mas também genericamente na construção social a respeito da juventude no Brasil, diametralmente opostas nas equações que se montam a respeito da exclusão e da cidadania e na formulação das esperanças e das angústias neles depositadas: numa ponta, os jovens estudantes politizados, idealistas e comprometidos com as causas sociais e políticas da sociedade; na outra, jovens carentes e envolvidos com o mundo da criminalidade (ABRAMO, 1997, p. 33, grifos do autor).

Por isso faz-se necessário dar a devida importância em procurar compreender quais são os heróis desses jovens, qual o imaginário que eles têm em relação ao futuro, a expectativa de vida, quais são suas necessidades, procurar entender a mensagem, o apelo que os jovens transmitem por meio de suas experiências individuais ou coletivas, mas preferencialmente em grupos transfigurada em signos, símbolos, música, arte, cultura e porque não, em violência.

Neste novo caldo de cultura, as relações sociais seriam caracterizadas por um “neotribalismo”, uma socialidade baseada na empatia. Daí a categoria “tribo”: uma forma de agregação social determinado por ambiências, sentimentos e emoções, reunindo aqueles que pensam e sentem de maneira coincidente. Não há um projeto definido, o grupo é movido pelo desejo de estar junto num presente vivido coletivamente. A vida cotidiana das “tribos” é caracterizada pela estética — o sentir em comum; pela ética — o laço coletivo e pelo costume — o resíduo que fundamenta o estar junto (GUERREIRO, 1994, p. 247, grifos do autor).

O fenômeno da violência ou dissidência experienciado pelos jovens, muito refletido também por Michel Maffesoli, é um fenômeno complexo que se manifesta de diferentes formas, em diferentes tempos e espaços, e que até mesmo sua compreensão é complexa, já que para compreender violência, faz-se necessário refletir sobre o imaginário, mas também sobre política e história.

Para compreender o fenômeno da violência a partir do jovem que vivencia e reproduz a violência é preciso que se tenha a sensibilidade, para não correr o risco de estigmatiza-los.

Nota-se que os jovens provenientes das classes mais desprovidas estão mais vulneráveis socialmente, mas não significa, no entanto, que esses jovens, irão inevitavelmente enveredar para a criminalidade. “Desse modo, a própria dimensão da violência não pode ser pensada de forma dissociada do contexto juvenil dos bairros de periferia” (DIÓGENES, 1998, p. 26).

Vale ressaltar, entretanto, a importância de repensar sobre o imaginário que se tem sobre os fenômenos que envolvem a juventude, sobre aquilo que foge à norma, e principalmente sobre a própria violência.

A adoção da norma cria um centro (ou centros) e periferias. O louco, o anormal não está mais integrado numa organicidade social da qual ele é parte integrante; ele entra na grande categoria dos excluídos que não podem submeter-se à dominação absoluta da razão. Essa dominação é insidiosa, ela se ramifica no conjunto do corpo social e produz o reino da equivalência generalizada, o que significa que a determinação da normalidade não pode suportar a diferença naquilo que ela sempre tem de excessivo e até de cruel (MAFFESOLI, 1987, p. 22).

Não corresponder aos padrões das normas instituídas significa ser diferente, tornando-se dessa forma um marginalizado, o diferente que não se emoldura na sociedade da qual ele faz parte.

Quando as particularidades são abafadas, quando as diferenças tornam-se incomodas, é a ideia de desvio que se estabelece como campo de registro e de marca de todos aqueles que insistem nos processos de singularização [...] No Brasil, a ideia de “desvio” esteve sempre mesclada pela noção de “marginalidade”. O termo marginalidade passou a ser utilizado amplamente após a segunda guerra mundial, com a intensificação do ritmo de urbanização que culminou com as grandes concentrações urbanas [...] Vai ocorrer uma “criminalização da pobreza”, ou seja, falar de morador de favela vai ter o mesmo sentido de se apontar os setores considerados perigosos na sociedade (DIÓGENES, 1998, p. 84, grifos do autor).

Resistir a normalização, ou seja, aos padrões que a moral impõe, significa em outras palavras, opor-se ao que Maffesoli chama de atomização. Nesse movimento de querer romper energicamente com a inércia, com o silêncio, usando ou não a violência, o jovem está na verdade tentando se expressar, ser ouvido e compreendido.

Nesse sentido, a recusa à atomização que essa energia, essa transgressão representa, pode ser analisada, como tentaremos fazer, como a reinscrição de um simbolismo que busca expressão. É desse modo que podemos decifrar as fúrias urbanas, os incêndios, os arrombamentos, as múltiplas formas da ilegalidade, assim como tantas outras manifestações de um desejo de viver social que repete o mito da transparência, da comunhão e do imediatismo (MAFFESOLI, 1987, p. 22).

Percebe-se a importância de compreender que o fenômeno da violência tem tanto um caráter explícito, como no caso da agressão entre os sujeitos, como um

caráter simbólico que ocorre por meio das normas, códigos e tradições culturais de uma sociedade com muitas disparidades.

Até mesmo o movimento de resistência contra o poder instituído, denominado também como violência são noções importantes apresentadas por esse autor, como a violência anômica e banal.

É evidente que o tipo anômico é vetor de antecipação, e que seu prazer de destruir é sempre garantia de um desejo de construção, pois o que está em questão para uma parte, na dissidência, é a paixão da verdade, é a passagem de uma desordem existente, ou de uma ordem degenerada, a uma ordem nova ou regenerada; e é preciso reconhecer que todos os sistemas autoritários, que se supõem sociedades perfeitas, além dos sistemas de justificação dados para especificar uns em relação aos outros, são todos fundados por um ato ou uma situação de violência (MAFFESOLI, 1987, p. 27).

Os movimentos que se posicionam contra o poder institucionalizado, que questionam a ordem vigente, instaurando a desordem, fazem o que Maffesoli chama de “fundamentar a estruturação social”. Pois, dessa forma, padrões são questionados, paradigmas são superados, e novos conhecimentos são produzidos.

A partir desse pensamento se configura a lógica da violência anômica e banal. A violência banal, assim como anômica, resiste à norma, mas vale ressaltar suas particularidades, como o uso da gozação, do riso para mostrar a revolta e indiferença em relação aqueles que os oprimem.

Nesse sentido, o riso é irrepresível e, numa situação qualquer ele manifesta a reação à imposição mortífera do poder: assim, o humor judeu nos campos de concentração nazista ou humor dos prisioneiros dos campos soviéticos constituem o extremo da resistência e permitem suportar o atroz. Do mesmo modo, na compartimentalização que o controle racionalizado estabelece sobre o conjunto da vida cotidiana, a explosão do riso marcará a distância necessária à eclosão, à conservação e ao desenvolvimento da faculdade de resistência. [...] É isso que cria uma parte de sua força; ademais, é o que permite a constituição dos grupos. Pois o riso apresenta esse caráter subversivo de ser contagioso, de ser agregador (MAFFESOLI, 1987, p. 67).

E dessa forma, instauram-se por meio dessa energia expressiva novos sentidos, onde o conflito acaba dando visibilidade ao plural, e a tudo aquilo que foge a norma. A

esses movimentos contrários ao poder, que se manifestam tão expressivamente de tantas formas reivindicando sua pluralidade, Maffesoli chama de nomadismo.

Nomadismo, para ele, significa uma saturação do esquema identitário. Saturação em termos de: a) ter um gênero bem definido (ser homem ou mulher); b) ter uma ideologia reconhecível (ser de direita ou esquerda); c) ter uma filosofia de vida clara (ser materialista ou espiritualista); d) ter uma profissão fixa (isto é, se reconhecer só nela). De uma identidade única (especificidade ideológica) passamos a ter múltiplas identificações (patchwork imaginal, e “imaginal” por ter relação com o imaginário, uma espécie de “inconsciente coletivo”, nos termos junguianos) (BARROS, 2014, p.48).

O nomadismo então, como foi citado, evidencia a saturação de esquemas identitários, especialmente no que diz respeito a ideologia, demonstrando que na contemporaneidade não existe mais discursos ideológicos como ser de esquerda ou direita, bem definidos. Discursos característicos da modernidade não seduzem mais, eles nesse momento escorrem, e dessa forma dão espaço a outras idéias que aparentemente satisfazem as necessidades da época atual.

Os jovens estão nesse momento, unidos na sua coletividade pelo “divino social” e ao mesmo tempo em muitos momentos sob o cabresto da razão, por isso que talvez diante de alguma questão como política, por exemplo, o jovem pode ficar perdido, e agir ingenuamente, ou ainda, ser persuadido por qualquer “verdade” que lhe seja dita ou “sonho” que lhe seja oferecido, porque o “coração inquieto” do jovem está buscando na realidade superar velhos esquemas identitários.

A moda, os jogos televisionados e até mesmo os programas políticos são julgados e apreciados em função de sua capacidade de fornecer sonho a uma massa cada vez mais ávida de emoções coletivas. Quer o desejemos ou não, quer nos defendamos dele ou não, quer o julguemos perigoso ou não, trata-se aí de um novo “princípio de realidade” com o qual é preciso contar. Transfiguração de um mundo político e econômico em um mundo imaginal, eu disse. E é em função disso que se pode compreender a necessidade instrumental da metáfora. Compreendê-la como uma alavanca metodológica, como foi o conceito, num tempo em que reinava a razão abstrata e a esperança em valores universais oriundos da filosofia das Luzes. (MAFFESOLI, 1998, p.239)



São outros momentos, outras gerações, o que moveu duas ou três gerações atrás, não é realidade hoje, talvez seja por isso que discursos que antes suscitavam grandes efervescências, hoje não passem de um assunto chato para o jovem. “A desafeição pela teoria, da qual bom indício é a falência das grandes narrativas de referência, traduz o fim de uma visão conceptual do mundo” (MAFFESOLI, 1998, p. 156)

Outra noção refletida é a do tribalismo, onde os sujeitos se reconhecem nos grupos nos quais se identificam. Maffesoli em uma entrevista à revista FAMECUS (2001, p. 76), diz que “o imaginário é algo que ultrapassa o indivíduo, que impregna o coletivo ou, ao menos, parte do coletivo. O imaginário pós – moderno, por exemplo, reflete o que chamo de tribalismo”

Quando o autor fala em tribalismo, ele remete à noção do desejo que os sujeitos têm de se reconhecerem ao identificarem-se em grupos, quando os sujeitos se identificam através de códigos e signos que perpassam o imaginário coletivo para o do grupo em questão.

O tribalismo demonstra o comportamento que surge das relações experienciadas no cotidiano a partir, basicamente das afinidades e do desejo de estar junto. E o tribalismo na contemporaneidade pode ser observado no comportamento dos grupos de jovens, em diversos espaços e de diversas maneiras, como nos fãs clubes, nas gangues, nos movimentos estudantis, políticos, religiosos, nas redes sociais, onde mesmo que virtualmente se celebra o estar junto e os laços sociais.

O jovem contemporâneo está imerso num universo de tecnologia e consumo aonde uma quantidade enorme de diversos tipos de conhecimento são compartilhados, principalmente por meio da rede de internet.

O imaginário é alimentado por tecnologias. A técnica é um fator de estimulação imaginal. Não é por acaso que o termo imaginário encontra tanta repercussão neste momento histórico de intenso desenvolvimento tecnológico, ainda mais nas tecnologias de comunicação, pois o imaginário, enquanto comunhão é sempre comunicação. Internet é uma tecnologia da interatividade que alimenta e é alimentada por imaginários. Existe um aspecto racional, utilitário, de Internet, mas isso representa apenas uma parte desse fenômeno. O mais importante é a relação, a circulação de signos, as relações estabelecidas (FAMECUS, 2001, p. 80).

Hoje o jovem não precisa sair de casa e procurar um grupo ao qual ele possa se identificar, existem várias pessoas e grupos na rede que podem partilhar dos mesmos gostos e afinidades, pessoas com quem este jovem pode compartilhar as banalidades do seu dia –a dia, conhecimento, e afeto. E mesmo virtualmente ser capaz de criar vínculos emocionais.

Tudo isso remete para uma ética da estética, isto é, para um etos constituído a partir de emoções partilhadas em comum. É precisamente isso o que nos força a renovar a percepção das coisas ... Deve-se entender estética, aqui, em seu sentido mais simples: vibrar em comum, sentir em uníssono, experimentar coletivamente. Coisas que permitem a cada um, movido pelo ideal comunitário, sentir-se deste mundo e em casa neste mundo (MAFFESOLI,1998, p.207).

A internet permite o estar-junto social nessa época, e como foi citado anteriormente permite essa sinergia entre o arcaico e o moderno, ou seja, o aspecto humano, na sua essência criando conexões afetivas a partir desse estar junto, por meio da identificação com os outros, existindo e acontecendo no presente através da rede de internet.

É certo que essa estética da recepção, recepção do mundo, repousa sobre a intuição. As diversas formas de agregação juvenil estão aí para prová-lo, elas que, para retomar uma fórmula trivial, funcionam, essencialmente, na base do “*feeling*”, isto é, através dessa capacidade de entrar em contato com o outro de um modo natural, de igual para igual, sem argumentos nem raciocínios, mas, sim, a partir de um tipo de conhecimento intuitivo (MAFFESOLI,1998, p.207).

O jovem contemporâneo vive o nomadismo, hedonismo e o tribalismo. Considerando a partilha dos conhecimentos, no contexto da Rede Mundial de Computadores, aqueles valores que direcionavam a vida de seus pais e avós em outras gerações, não conseguem direcionar facilmente o jovem de hoje. O jovem quer viver a vida, aproveitar o momento presente e criar vínculos na coletividade.

Ocorre que nas sociedades pós-modernas essa força de união, essa “mana”, é cotidiana, se vive aqui e agora, e encontra sua expressão em uma espécie de transcendência imanente de coloração fortemente hedonista. Assim, não é mais o indivíduo isolado na fortaleza de sua razão que prevalece, mas sim o conjunto tribal que

comunga em torno de um conjunto de imagens, que consome com voracidade (MAFFESOLI,1998, p.104).

O hedonismo revela a necessidade de aproveitar a vida, de curtir o momento, aproveitar o instante, se refere aos valores dionisíacos. “A equação é simples. Se o homem toma consciência da morte, nada mais resta senão viver com toda intensidade possível o aqui-e-agora, o presente” (BARROS, 2014, p. 49).

Ora, sabe-se que a empiria é o que o racionalismo moderno empenhou-se, constantemente, em criticar, em nome, justamente, do “dever ser”. Assim, a tarefa que nos cabe é bem a de voltar a essa vida vivida ou mais próxima, a essa empiria; para retomar uma expressão da fenomenologia, “à própria coisa”. É isso que pode fazer com que apreciemos o hedonismo cotidiano. É isso que pode nos permitir superar aquela filosofia apriorista que, a partir de uma distinção radical estabelecida entre as ideias e a vida, vai considerar que esta última é *naturalmente* – conforme as tendências teóricas – seja alienada, seja banal ou sem interesse, seus rituais encerram riquezas cuja importância ainda não foi toda explorada. (MAFFESOLI,1998, p.64)

Diante, portanto, de tais reflexões discorridas neste trabalho é que se procura de forma dinâmica e intuitiva pensar sobre as noções apresentadas por este autor.

O “sair de si” para o encontro do outro” dimensiona a interação desta relação predominante nos tempos atuais que se utiliza dos aparatos da tecnologia e dá novos sentidos a uma realidade das relações sociais atuais através das redes de relacionamento do *Facebook*, dos *blogs*, do Orkut, do Twitter, do Msn, etc., para sedimentar emoções e partilhar o cotidiano. A pós-modernidade também é ilusão, além de ter um caráter volátil. A perda de um referencial, ou seja a simulação também pode ser apontada entre suas características (MAFFESOLI,1998, p.24)

As noções de nomadismo, hedonismo e o tribalismo desvelam as vivências de juventude na atualidade contribuindo para a compreensão das novas socialidades percebidas nos modos como compartilham conhecimentos, identificações, afetos em diversos espaços sociais, destacando o fenômeno da internet.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se satisfazendo com as explicações sobre o mundo a partir da racionalidade cartesiana, Michel Maffesoli reflete sobre a sociedade pós-moderna na ótica da sociologia compreensiva e fenomenológica, e encontra no pensamento pós-moderno e no imaginário a inspiração para uma nova forma de pensar o mundo e os eventos na socialidade. E através das imagens evoca o inconsciente, a intuição e os sonhos.

Com um olhar assaz arguto, diz o que pensa sobre o atual e o cotidiano sem preocupar-se com os defensores de uma razão abstrata de plantão. Seria insensato negar a influência do pensamento de Michel Maffesoli entre pesquisadores brasileiros, considerando o grande número de trabalhos que são realizados em diferentes áreas do conhecimento, demonstrando que este autor transcende disciplinas e derruba as fronteiras modernas do conhecimento, suas contribuições nos trazem outras possibilidades de olhar para os fenômenos cotidianos.

Desse modo, escolhemos este autor para pensar sobre a juventude de um modo acariciante que busca compreender as práticas juvenis com um novo olhar, um olhar que não julga, mas aprecia os jovens pelos que eles são e não pelo que deveriam ser. O caminho que escolhemos foi o de refletir, primeiramente, sobre o pensamento de Maffesoli e sua influência no Brasil, bem como a fenomenologia formista e as próprias noções maffesolianas que nos auxiliam no entendimento das socialidades contemporâneas com foco na juventude.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABELLA. S. I. S, RAFFAELLI. R. – **As Estruturas Antropológicas do Imaginário de Gilbert Durand em cinco pinturas de Arcimboldo**. Florianópolis, v.13, m. 102, 2012.

ABRAMO, H. W. **Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil**. Revista Brasileira de Educação. 1997. nº5 e 6, p.33.

ASSIS, M. **Memórias Póstumas de Brás Cubas: São Paulo: Martin Claret, 2003**.

BARROS, Eduardo Portanova Barros. **Imagem e imaginário: as contribuições de Michel Maffesoli. Um anarquista romântico**. In: ALVES, Fábio Lopes; SCHROEDER, Tania Maria Rechia; BARROS, Ana Tais Martins Portanova (orgs). **Diálogos com o imaginário**. Curitiba: Editora CRV, 2014.

BARROS, E. ROSSETO, R. **Maffesoli: entre a ciência alegre e o demasiado humano. Aproximações de uma sociologia anarquista**. São Leopoldo: Oikos, 2014

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DIÓGENES, G. **Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento hip hop**. São Paulo: Annablume, 1998.

GUERREIRO, G. **Retratos de uma tribo urbana: rock brasileiro**. Salvador. Centro Editorial e didático de UFBA, 1994.

Maffesoli, Michel, 1944 – **Quem é Michel Maffesoli: entrevistas com Christophe Bourseille/ Michel Maffesoli**; tradução Guilherme João de Freitas Teixeira com a colaboração de Jaime A. Clasen – Petropolis, RJ : de Petrus et All, 2011.

Maffesoli, Michel, 2005 – **Dossiê Cultura e comunicação juvenis**. / tradução de Douglas F. Barros. – Comunicação, Mídia e Consumo. - São Paulo: vol. 2 p. 11-27 JUL. 2005.

MAFFESOLI, M. **A conquista do presente**. Natal (RN): Argos, 2001a, p.63.

\_\_\_\_\_. **O ritmo da vida. Variações sobre o imaginário pós- moderno**. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2007.

\_\_\_\_\_. **O tempo das tribos – O declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

- \_\_\_\_\_. **Elogio da razão sensível.** Petrópolis: Vozes, 1998.
- \_\_\_\_\_. **O instante eterno.** Lisboa: Instituto Piaget, 2001.
- \_\_\_\_\_. **A república dos bons sentimentos.** São Paulo: Iluminuras, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Notas sobre a pós-modernidade – O lugar faz o elo.** Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.
- \_\_\_\_\_. **No fundo das aparências.** Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- \_\_\_\_\_. **O tempo das tribos.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- \_\_\_\_\_. **O tempo retorna. Formas elementares da pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Apocalipse: opinião pública e opinião publicada.** Porto Alegre: Sulina, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Lógica da dominação.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- \_\_\_\_\_. **Homo eroticus: descommunionsémotionnels.** Paris: CNRS, 2012.
- \_\_\_\_\_. **No fundo das aparências.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- \_\_\_\_\_. **A transfiguração do político: a tribalização do mundo.** Porto Alegre: Sulina, 1997.
- \_\_\_\_\_. **A violência totalitária.** Porto Alegre: Sulina, 2001.
- \_\_\_\_\_. **O mistério da conjunção – Ensaio sobre a comunicação, corpo e socialidade.** Porto Alegre: Sulina, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas.** Rio de Janeiro: Record, 2001.
- \_\_\_\_\_. **A parte do diabo: resumo da subversão pós-moderna;** tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro (RJ): Record, 2004, p. 114.
- \_\_\_\_\_. **Elogio da razão sensível.** Petrópolis: Vozes, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Dinâmica da Violência.** São Paulo: Editora Revista dos Tribunais/ Edições Vértice, 1987.
- \_\_\_\_\_. **O Conhecimento Comum.** São Paulo: Brasiliense, 1988.

MARTINS, J. **Um enfoque fenomenológico do Currículo: Educação como Poíesis**. Org. Vitória Helena Cunha Espósito. São Paulo. Cortez, 1992.

MELUCCI, A. **Juventude, tempo e movimentos sociais**. Universidade degli Studi di Milano. Revista Young. Estocolmo. V.4, n2, 1996, p. 3-14.

MORIN, E. **A decadência do futuro e a construção do presente**/Edgar Morin ...[et al.]. – Florianópolis: Editora da UFSC,1993.

Nietzsche, Friedrich Wilhelm, 1844-1900. **Além do bem e do mal: prelúdio de uma filosofia do futuro**/ Friedrich Nietzsche; tradução de Mário Ferreira dos Santos. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

Nietzsche, Friedrich Wilhelm. **Ecce Homo**/ Friedrich Nietzsche; tradução de Antonio Carlos Braga. – São Paulo, SP: Escala, 2006.

Nietzsche, Friedrich Wilhelm. **Schopenhauer Educador**/ Friedrich Nietzsche; tradução de Antonio Carlos Braga e Ciro Mioranza. – São Paulo, SP: Escala, 2008.

REVISTA FAMECUS. Porto Alegre. N15. Agosto 2001. Quadrimestral

RECHIA, T. M. **O imaginário da violência em minha vida cor-de-rosa**. Tese de doutorado. Unicamp, 2005.

SCHULER, F. MACHADO, J. **Metamorfoses da cultura**. Porto Alegre: Sulina, 2006. 176p.

SCHUTZ, Alfred. **Sobre a fenomenologia e relações sociais**/ Alfred Schtuz; edição e organização Helmut T. R. Wagner; tradução Raquel Weiss. – Petrópolis, RJ: Vozes; 2012. – (Coleção Sociologia)

Portal CNPQ. Disponível em: <<http://www.cnpq.br/web/guest/geral>> Acesso em 3 de Julho de 2014.

Site CEAQ. Disponível em: <<http://www.ceaq-sorbonne.org/>> Acesso em 10 de Maio de 2014.